

zia Niederer, tem tanto de mulher como de homem."

A educação materna deixou-lhe n'alma impressões indeleveis, exerceu decisiva influencia sobre seu caracter e sua vida.

Pestalozzi, durante toda sua existencia, não passou de uma criança quanto à intelligencia pratica, diz Frederico Dittes. O centro de sua personalidade era o coração e o amor. A mulher, a mãe, tornou-se para elle o ideal do educador; foi às mães que dirigiu seus conselhos, suas exhortações; é a ellas que confiou a mais importante posição na educação dos meninos (4).

Nos bancos da escola elementar, Pestalozzi foi alumno mediocre. Estava-se opre distraído, pensativo. Os camaradas chasqueavam de sua fealdade, de sua negligencia; abusavam de sua credulidade, da bondade de sua alma. O mestre dizia: "aquillo não dará para cousa alguma."

«Desde a infancia, escreveu Pestalozzi, fui sempre o juguete de todos; uma educação, que dava alimentos a todos os sonhos de minha imaginação, deixava-me incapaz e igualmente de fazer o que fazem os outros, e de gozar do que os outros gozam. Meus camaradas da escola faziam de mim o que queriam. No dia do grande terremoto de Zurich, quando mestres e discipulos se precipitaram uns sobre os outros, para descerem a escada, e que ninguem queria arriscar-se a voltar à classe, fui eu quem foi buscar bonets e livros."

Pestalozzi ia passar as ferias em casa de seu avô, ministro protestante, em uma aldeia mui perto de Zurich. Acompanhando-o às visitas que fazia às escolas, aos pobres, aos doentes da parochia, elle iniciava-se nas realidades da vida do povo, via de perto suas profundas misérias. Foi então que lhe veio a primeira idéa daquella vida de dedicação a que se devia consagrar até seus ultimos dias.

Quiz ser padre como seu avô.

Aos 18 annos, entrou para o collegio de humanidades de sua cidade natal. Como estudante, adquiriu a reputação de exquisito, de original, pela insupportavel negligencia de sua pessoa, por uma distracção que ia até o excesso.

Estudava theologia. Conta-se que fazendo um sermão de eusaio, foi accomettido de um ataque de riso, que o obrigou a descer do pulpito.

Renunciou à carreira ecclesiastica, para estudar jurisprudencia.

Depois do sacerdocio, nenhuma carreira lhe pareceo mais nobre, mais util aos homens do que a car-

reira de advogado. Defender os oprimidos, tornou-se então o seu ideal, a sua ambição.

Naquelle tempo, em Zurich, como na maior parte dos can'tões suissos, os camponeses eram duramente oprimidos pela burguezia (5)

O *Emilio*, o *Contracto social* de João Jacques Rousseau, recentemente publicados, começavam a exaltar o espirito da mocidade.

O espectáculo da servidão do povo, as idéas de liberdade republicana que bebiam nos escriptos do celebre genovez, no ensino de seus professores, no de Bodmer sobretudo, excitavam, nos estudantes de Zurich, coleras generosas, pensamentos de revolta.

Ia levedando vivamente em todos os corações o fermento revolucionario.

Os homens mais eminentes se associavam-se a essas aspirações à uma melhor ordem de cousas, faziam-se bellos planos de reforma; sonhava-se com uma regeneração nacional.

Por esse tempo fundou-se a *Sociedade Helvetica* com miras patrioticas. Bodmer, em Zurich, organisou outra sociedade composta de estudantes, entre os quaes Pestalozzi, Lavater, Fusili que encetaram a publicação de um periodico, o *Memorial*.

Sobrevieram os tumultos de Genebra (1766).

O governo de Zurich quiz intervir à força armada.

Muller, estudante de theologia, escreveu então e leu a alguns amigos, um dialogo entre um camponez, um baillio e um burguez, no qual a medida em projecto era criticada em termos mui vivos. Espalharam-se numerosas copias desse dialogo, contra a vontade do autor.

O governo considerou a leitura e a transcripção da satyra como uma conspiração contra a segurança do Estado.

Pestalozzi, Vogel e outros foram presos. Muller refugiou-se em Berlim. As copias do dialogo sedicioso foram queimadas na praça publica pela mão do carrasco. Muller foi banido. Prohibiu-se a publicação do *Memorial*.

Os "patriotas" foram postos em liberdade, mas ameaçados com a perda dos direitos civicos, se recommecassem a agitar a opinião.

Pestalozzi, muito mal visto das familias dominantes, comprehendeu que já não havia mais expectativa de exercer algum cargo, em que podesse servir à patria.

Renunciou a seus estudos de direito; fez-se agricultor.

(Continúa)

J. DE BARCELLOS.

## A setta e a canção

(LONGFELLOW)

Um dia disparei nos ares uma setta  
E não busquei saber qual fora a sua meta.  
Quem de tão ina vista ousára se gabar,  
Q' a setta no seu vôo podesse acompanhar?

Um dia desferi ao vento uma canção,  
Não soube onde echoou, si foi perto ou  
(distante).  
E qual seria a vis'a aguda e penetrante,  
Que acompanhasse o voo da tenue viração?

Depois, muito depois, em um carvalho  
(antigo),  
A setta, inda perfeita, um dia conheci.  
Tambem minha canção mais tarde descobri  
Q' inteira a conservara um coração amigo.

BRUNO JACY.

## A JANGADA

Sob essa epigrapha publicou o Sr. Dr. Paulino Nogueira, no ultimo numero da "Quinzena," um trabalho interessante, como todos os que sahem de sua penna amestrada em cousas que nos dizem respeito.

Já o disse algures, e repito com prazer, que elle é, dos nossos patriocios que se entregão à faina de fazer conhecidas a historia e geographia da Provincia, quem melhor se tem sabido da empreza; seu artigo, pois, sobre *jangada*, não podia sinão agradar-me e muito, e si delle posso destacar alguns trechos, distinguirei sobretudo os que se referem às partes componentes e aos accessorios da nossa veleira embarcação.

Em tudo estou de accordo com o meu illustre Presidente do Instituto, menos em que tanto a palavra «(jangada) como o objecto, cons-trucção e uso são peculiares ao «indigena do Norte do Brazil, des-«de Maranhão até Alagoas, unicas «provincias onde existem esses «navios.

«Essa palavra compõe-se de *jan* «correr, *ig* agua e da desinencia «verbal *ara* (corrompida por eu-«phonia em *ada*) que exprime o «agente; vindo portanto *jan-ig-ara*, «jangada, a significar literalmente «aquillo que corre n'agua."

Consultando muitos Lexicons e alguns authores classicos, por nenhum taes conceitos encontrei corroborados, e nem por sombra algum delles se inclina a tal opinião.

E' assim que dizem:

*Jangada*—genero de embarcação da India. Schœdia d. f paos boiantes ligados entre si (Manoel Bernardes Branco)

Va essa definição com vista tambem a Varnhagen que supõe que só n'America encontram-se barcos com tal forma e apparencia.

*Jangada*—compuesto de maderos

(4) Hailman---"Twelve lectures on the history of Pedagogy."--R. de Guimps, Op. cit.

(5) J. Guillaume---"Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire".

o fragmentos del navio, que se hace para salvar la gente quando se pierde el bajel; balsa para pasar los rios ó grandes lagunas (V. Salva, Dicc. de la lingua castellana).

*Jangua* embarcacion pequena muy semejante à la jangada (*Idem*).

As mesmas definições se encontram no Dicc. Portugués-Espanol y Espanol-Portugués, sob a direcção litteraria de D. Eduardo Blanco y Cruz y D. José Antonio Castaneira e no Dicc. theorico, pration, historico y geografico de Comercio por Jayme, Boy publicado bajo los auspicios de la junta de Comercio de Barcelona.

*Jangada*--embarcação chata usada no Perú e costa septentrional do Brazil (Sismonds, citado por Webster).

*Janga*--embarcação chata para transporte de madeiras (João de Deus).

*Jangada*--armação feita de grades, que serve de embarcação (*Idem*).

*Janga*--especie de embarcação chata, que serve principalmente para transportar madeiras (Aulete);

—pequena embarcação chata dos Chinezes (Fernando Valdez);

—genero de embarcação chata de transportar madeira (Constancio);

—uma especie de embarcação ou navio usado na China (D. José de Lacerda).

*Jangada*--construcção em forma de grade de madeira que é uma especie de barco de transporte sobre que muitas vezes se assenta taboado e se levanta um mastro com sua vela (Aulete);

—pedaços de madeira unidos para transporte de cargas nos rios (D. José de Lacerda)

O Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum, de Fonseca diz: *ratis*, is, a jangada de paos, que antigamente servia de barco (Cicero). *Scirpea ratis* janga de junco de arruender a nadar (Plauto)

*Janga*--embarcação pequena da India (Fonseca e Roquete)

*Jangada*--grade de paos, etc em que se navega; paos unidos em grade que se transportam nos rios (*Idem*)

*Janga* genero de pequena embarcação chata que se usa nos rios (Roquete).

*Jangada*--composto de pedaços de madeira formando uma especie de taboado movel sobre a agua (*Id*)

*Janga*--genero de embarcação pequena usada na China accommodada para transportes (Moraes.)

*Jangada*--(de janga) grade de paos muy leves bem unidos talvez com taboado por cima: sobre ella se navega a vela; paos dispostos da maneira dicta, isto é, unidos longitudinalmente talvez em duas camadas e d'este modo se conduz a madeira debastada pelos rios ou por mar (*Id.*)

*Janga*--genero de embarcação chata de transportar madeira (Dicc. En-

cyclopedico de Ed. de Faria)

*Jangada*--(provavelmente de *janga* e desinencia *ada*) paos unidos em forma de grade que por sua leveza fluctuam sobre a agua e sobre que muitas vezes se assenta taboado e se arma um mastro e vela; servem de transportar gente, madeira e outros objectos pelos rios (*Id.*)

Escreve Chateaubriand: „E de todas as partes impellidas pelas vagas espumantes desciam jangadas para o Mechachébé...“

Ora Mechachébé ou Pae das aguas é o Mississipi, o grande rio da União Americana.

Escreve Francisco de Andrade (Chronica de D. João III 2 c. 79): *de que fizeram jangadas atravessando huns sobre os outros, que humas erão de 30 outras de 40 paos; e lê-se na „Encyclopedie des gens du monde„ importante repertorio de sciencias, letras e artes por uma sociedade de França: Os Inglezes assenhoreando-se do Canada tentaram fazer chegar a Europa as madeiras d'essa Colonia graças a jangadas munidas de velas e mastros.*

Como se vé, nada nos falla de uma palavra, de um objecto peculiarmente Brasileiros.

Duas accepções mais tem nos classicos o vocabulo em questão e é a Asia que nol-as offerece.

*Jangada*—s. f. especie de medida indiana (D. José de Lacerda);

*Jangada*--s. m. n'Asia he o Naire que por certo premio empenhava sua fé de proteger, defender a custa da vida um Portuguez e vingar as injurias que a elle fizesse alguém... *se fez jangada d'aquella fortaleza e irmão em armas com ella* (Couto fallando do rei de Baghuel).

Até agora temos considerado a opinião unanime dos homens de toda competencia.

Encaremos o assumpto sob outro ponto de vista.

Couto diz: *se fez jangada d'aquella fortaleza e irmão em armas com ella*; e Damião de Goes (Chr. Man. I. c. 86) escreve: *jangada de vinte paos, que vinhão encadeados.*

Ora, o auctor da Chronica de D. Manoel e Chronista Mór do Reino nasceu em Alemquer em 1501 e o historiador do Imperio Portuguez na India, o continuador das Decadas de João de Barros foi para Goa em 1566 e ahi morreu aos 74 annos não mais tendo voltado a Europa.

Demais, leio em Duarte Nunes de Leão (Descrip. de Portugal c. 15. M. P. c. 92 citado por Moraes): *barquinhas e janga em que trazem a Coimbra madeira e tavoado a vender* e sei que o illustre desembargador da Casa de Supplicação e muito merito historiador falleceu em 1608.

Confrontando se as datas em que floresceram esses tres vultos das letras Portuguezas e aquellas das

expedições de Moreno e outros seus patricios ao Ceará, e Norte do Brazil, Impõe-se logo a convicção de que a palavra jangada, o objecto, a construcção e uso não são peculiares ao indigena do Norte do Brazil.

Pensando em tudo o que ahi fica escripto, e além disso em que na India ha outras palavras que se escrevem com as syllabas *janga* e que ninguem dirá que são derivadas do Brasileiro, e mais ainda, considerando com que difficuldade palavras puramente brasileiras penetraram na escripta classica de Portugal, abalanco-me a affirmar que a palavra *jangada* é asiatica e d'Asia nos veio para as nossas embarcações de muita semelhança com as de que usavamos, não se remontando, todavia, sua antiguidade aos tempos mythologicos, como o disse em perfeita contradicção consigo mesmo o meu erudito amigo.

DR. GUILHERME STUDART.

### Mêdo de alma

Tens mêdo de alma? Receias  
De noite um'alma encontrar?...  
Que mal faz a pobresinha  
Que no mundo anda a penar?  
Ai, quanta alma não nos busca  
Sómente por nos amar?!  
  
D'uma eu sei que não te larga...  
Não te ponhas a tremer!  
Que tu és o seu alento,  
Encanto de seu viver...  
Olha... escuta, mas não contes,  
Segredo, qu'eu vou dizer..

E' de um'alma affectuosa,  
Que de teu lado não sae!  
No trabalho te acompanha  
Soltando de amor um ai...  
E no leito, quando dormes,  
A contemplar-te lá vae!

Quando bordas... ella vò  
Para teu collo, a brincar,  
Ora os fios embaraça,  
Como menina a folgar,  
Ora esconde a thesourinha...  
Só para ouvir-te fallar!

E quando lês... a travessa,  
Si não escuta-te a voz,  
Vira a folha antes de tempo.  
Que movimento veloz...  
De tua zanga ella ri-se,  
Mas te beija logo após!

Mas, que raiva não tem ella  
Si alguém contigo ralhar;  
Pois dá-te razão em tudo...  
Té chora se vás chorar;  
Quando sorris... que alegria!  
Si enfermas... quanto pesar!

E suspira si passeia  
Comtigo pelo rosal,  
Cantando desce as ladeiras

Quando desces para o val;  
Coitadinha! Ama-te tanto...  
E nunca te fará mal!

Pobre alma! bem quisera  
De noite te apparecer,  
Mas, tem medo dos teus medos,  
Tem medo até de gemer:  
Podias esconjural-a...  
Antes mil vezes morrer!

Ai, nunca, nunca a esconjures!  
Não fujas... tem compaixão!  
Essa alma que não te larga  
Sahiu do meu coração!  
E' um segredo... não contes...  
Não tenhas mais medo, não!

J. GALENO.

## ESTATUETAS

### II

Gera-se fibra a fibra 'alma visível  
Infusa no ideal, no pensamento;  
Lê-se, e a materia fura o firmamento...  
Basta! Lhe diz a incognita—Impossível!

E o espirito naufrago e sem alento  
Rastejando ao invés do inconcebível  
Torna, descrente, ao musgo do seu  
(ninho.

E' um rapaz. Assenta-lhe bem  
este qualificativo amplo e vigoroso.  
Tem os tons pacatos de um inglez  
maniacamente faltando-lhe porem, para  
complemento do *spleen* ordinario a  
bolsa de viagem, as suissas e o cha-  
peo cortiça.

Está alli um poeta, denuncia-o a  
perspectiva physionomica, mas aborrecido das etiquetas da rima e do metro, fez o seu pensamento tomar o trem da phantasia e apanhar de penna em punho por uns milagres de photographia instantanea paisagens e quadros de um vigor e naturalidade admiráveis.

Não é poeta mas sahiu philosopho, si é que philosophia antes de bacharellear-se era, como pensamos, uma observadora simplesmente investigadora e minudente.

A' primeira vista o nosso typo denota uma compleição morbida, mas não, não é.

Ha um tic de morbidez no todo, mas não é a fraqueza physica que lhe tolhe a vocação. Na lucidez do seu genio a sua penna scintilla na profundeza dos mais nitidos sentimentos como nas anfractuosiidades mais asperas das analyses psychologicas.

Tem nas descripções dos mais ligeiros contos a tenção vigorosa de Zola e é no realismo que acentua gradualmente a correção do seu estylo.

Nota-se-lhe nos labios terminados em ponta de riso um esboço de escarneo reprimido. Alli 'naquellas duas pregas meio arregaçadas dos

cantos da bocca ha o quer que é de riso sardonico.

As feições são vividas e os olhos farejam fielmente as coisas como dois cães de guarda á porta das orbitas bem dispostas sobre a baze de um nariz romano.

Nos supersilios ha como que uma affirmativa constante quando os olhos dançam interrogações investigadoras.

Typo esbelto, franzino. Trage simplesmente burguez.

Na nossa opinião o estatuario errou o typo, isto é—quiz engendrar um poeta e sahiu-lhes um philosopho, si é que possa haver differença entre os dous.

A proposito desta estatueta trazemos aqui para junto d'ella este formoso pedaço de um quadro que d'ella se originou:

### DESCEU AOS INFERNOS

Um espaço abria-se no sopé do throno do Senhor, e ahi estendia-se uma linha de homens que se ajoelhavam silenciosos, pegando, junto ao queixo, n'uma toalha comprida que ja do primeiro ao derradeiro. Levantaram-se e foram succedendo outros, debaixo de taciturno recolhimento. O celebrante ia e vinha na extensão da fileira, disendo umas palavras latinas, com a patena sobre a mão esquerda e com a direita depositando na lingua de cada conviva a particula consagrada. A acompanhavam-no dous acolytos, sustentando castiças doiradas em que ardião tochas. Os presos recebiam o corpo de Jesus, por um processo duplo de metamorphose e multiplicação.

Então percebia-se bem o característico d'aquelles infelizes. Cór estiolada, onde não reponta o sangue; olhar, humildemente fixo; movimentos um pouco hanzeiros; uniformidade no aceio e nos actos, hypocrisia da obediencia forçada: diversidade no trage, desde a camisa de inadaptação até à sobrecasaca, segundo as posses, comparecendo cada um com a roupinha melhor. Homens d'aquelles tomam a existencia ao serio, e isto fora, por ventura o erro da mór parte. Quem reconhecesse a bobage das questões humanas não se enfesava até o crime. A virtude, rindo e alegre se pratica, mas o crime, não. O crime presuppõe a carranca do homem serio, a furia do bebado, ou a loucura....

As cremonias emendaram-se, missa, comunhao, khristma e prédica. O sol esquentava cada vez mais, lavando o salão com bâtegas de luz. Ia se pondo em evidencia a pobreza do recinto.

A sentinella bradou as armas lá fora, rendia-se a guarda. A festa foi

declinando. O pão asymo cessara o seu effeito espiritual, desapparecido nas reviravoltas intestinaes. Os presos levantaram-se com o corpo leve de quem pagou uma divida omni-nosa.

E os visitantes, agglomerados na varanda do norte, no topo do corredor, abysmavam-se no panorama do beira-mar cearense, melancolico e suave. Cada onda, bem ao longe, vivia a sua vida de um instante, vindo outra, e outra, e mais outra...

As seges rodavam na rua da Misericordia levando a cleresia e os magnatas. Todos retiravam-se. A corneta estridulava puxando para o quartel a guarda rendida. E os presos voltavam a vegetar no fundo das prisões.

### UM EPISODIO NA VIA-FERREA.

O vagão estava condemnado a morte, por ter aberto um abominavel precedente. Faria recuar aos matutos, e dar certa victoriasinha de sarcasmo aos bois e burros e de carroto.

Foi o réo deposto nas mãos furiosas da turba. Agua e machado! Carreguem-no para a Lagoinha! Engatem a makhina e deem-no de espectáculo trilho arriba! Isola esse leproso! E assim foi a victima succumbindo aos empuchões como judas de capim. E' que o fogo enraivece como o sangue.

Estripavam-no através dos lascões. E por ahi vomitava algodão ardente que o povo espalhava como o sal a seccar, em camadas, que se envolviam subitamente n'uma relva de fogo rasteiro. Povo e fogo, tudo a mesma corja.

E n'esse duplo destruir, o carro parecia um enorme porco, todo furado e comido e assado vivo, com as banhas alvamente derramadas, sob os toques meio azues do luar. Havia chammas verdadeiramente femininas, lembrando a historia da mulher do gancho.

—Laranja!

E olha a pandega. Os caixotes arrebentavam, e as fructas rolando eram apanhadas. Começou um fogo affavel de peteca, por entre o flamejar, por entre os jactos de agua, por entre saias e calças.

—Policia, policia!

—Aqui ninguem toca. Sim senhor.

E as fructas receberam ordem de prisão.

—Olha couro salgado. Fum! que cheiro de chifre!

Ao amanhecer, jasia o taboleiro sobre as rodas, com os taipaes encarvoados, lacerados, em completo aniquilamento; bem como os destroços das mercadorias, viajuras

manquês que a esta hora julgam talvez estar embarcando para Liverpool.

GIL BERT

## OS QUINZE DIAS

Com a solução da questão militar dizem uns que perdeu muito o governo, porque não querendo ceder em pontos de honra, afundou-se; outros são de parecer que quem perdeu foi o exercito, por haver accedido a mediação dos Srs. Silveira Martins e Affonso Celso, dous *Migueis do Meio* com que ninguem contava; outros pensam que foram os republicanos quem perdeu no negocio, pois que com esta occasião foi-se o ensejo de pegarem fraco o e desapercebido o governo, vacillantes as instituições.

Pode ser que sejam boas todas as opiniões supramencionadas, mas não posso estar de accordo com ellas. Para mim, cá no meu modo de entender, quem foi verdadeiramente roubado com a tal solução fomos nós as chronistas, os que em determinados dias do mez temos de botar para alli casos e factos de encher o olho e de encher tiras de almaço, que sirvam de pasto ao cubitoso apetite do assignante exigente.

Sim, meus Senhores, antes de tudo a questão militar era...um assumpto.

Sim, aquillo era protinho feito e adubado ao gosto universal, que com mais ou menos pimenta servia-se a todos os leitores e todos ficavam pedindo mais.

Figure o leitor que eu escrevi para um publico affeioado ao Sr. de Cotegipe. Era só começar assim:

« Os anarchistas continuam a levantar celeuma por causa da denominada questão militar. O governo, porem, firme na consciencia do proprio dever e convicto do apoio da nação e da coroa, permance calmo e sereno no seu posto de honra, de onde saberá fazer respeitar a lei e a auctoridade, fazendo sentir ao exercito que o soldado é uma força automata e que a nação repelle horrorizada o despotismo do sabre.»

Agora, escrevendo para os militares e ses adeptos, era esta a variante:

« Continua a questão militar a preoccupar o espirito publico e reclamar uma solução prompta e completa que satisfaça à dignidade do exercito vilipendiada por um governo absurdo que prefere ao brilho da farda a cuspinhada da rhetorica inane de um deputado pulha.»

E esta outra para o publico impar-

cial, que não se apaixonou, mas que quer o seu socego a todo tranze:

« Altas razões d'estado reclamam prompta solução da denominada questão militar, de modo honroso para o governo e para o exercito etc. »

E muitas outras maneiras de dizer.

Agora, porem, estamos privados d'aquelle pratinho feito e temperado. Os Srs. S. Martins & Affonso Celso fizeram-se padrinhos do governo e o senado assumiu papel inteiramente novo entre as instituições; a questão foi resolvida a contento de ambas as partes, como ressam os telegrammas officiaes, e nós, os chronistas, que vamos bater a outra porta, porque a questão militar não é mais assumpto!

Seja pelo amor de Deus...

Os augustos herdeiros destas conquistas, das quaes fazemos parte como subdito fiel e reverente, voltaram de sua viagem ao velho mundo. Suas Altezas chegaram de perfeita saude, deus louvado.

A Sr.<sup>a</sup> Condessa d'Eu chrisinou-se na França. A' capucha, sem intervenção episcopal, passou à chamar-se Condessa de S. Christovam, annunciam os jornaes da Europa e explicam que foi este o meio de que se serviu a esposa do Sr. Gastão d'Orleans para escusar se às relações de boa hospedagem do governo da republica, o feroz governo que expulsou do territorio francez uns santinhos da felpa dos primos e tios do heróe do perrigoso combate de Pirrebeui.

E' bonito e efficaz o expediente. Si a Sr.<sup>a</sup> D. Izabel chega-se à França com o seu verdadeiro nome e o rotulo da familia imperial do Brazil, o governo do Sr. Grevy estava na obrigação, pelo menos, de mandar saber como passava S. Altesa e seu heroico e augusto esposo e mais obrigação. A Condessa de S. Christovam, porem, podia entrar na cidade de Victor Hugo quanta vez quizesse que não seria incommodada, porque alli nunca ninguem viu mais gorda a Sr.<sup>a</sup> Condessa de S. Christovam.

No imperio, porem quando o *Gironde* enfrentou o braço de pedra, com que Pernambuco parte as vagas, a Serenissima Princesa Imperial dignou-se romper o veio de espesso incaguito em que se encobria e saltou na terra de Nunes Machado como filha de seu pae, herdeira do throno em cujos degraus já tem um pé.

E muitas foram as ovações, enorme o regosijo publico, Idem na côrte.

Tudo isso prova que as instituições que felizmente nos regem estão seguras como casa velha e quando a parca implacavel quizer cer-

cear a vida do nosso sabio monarchar é não fazer cerimonia, porque não nos apanha desapercebidos para resistir a tamanho desastre. Um principe de Orleans alliado com uma neta dos Bourbons pode muito bem levar o imperio... à gloria.

E, pois, vivam as instituições, ainda que não possamos com o mesmo entusiasmo dizer—Viva o Rei! porque o rei não está lá muito para que digamos, o que sentimos deveras.

Outro monarcha illustre está neste momento a preoccupar as agencias telegraphicas, por ter-se amelindrado muito sua preciosa, precaria e imperial saude.

O rei Guilherme da Allemanha, anda muito fraco, tão fraco que não pôde mais sahir de seus aposentos.

Juntem a isso o facto importantissimo de ter S. M. 90 annos e pico e vejam si não é mesmo para andarem activos os reporteras e as agencias telegraphicas.

O principe herdeiro da coroa teu tonica tambem tem passado mal de sua tosse e pensam alguns que S. A. está mesmo em peiores condições do que seu venerando pae.

Bem se vê que as côrtes andam inquietas e que os quinze dias decarridos tiveram como facto culminante as macacões imperiaes.

J. L.

## O VIGARIO

Intolerante e mau. Parece que dos ceos Fez ha muito o seu lar, a sua propriedade, E quando falla ao pavo em nome do seu (Deus

E' como quem dispõe de toda a eternidade.

Dizem que fez um mappa—a lista excom (mungada De muitos infieis que pensam livremente, E a todos vota horror e tem escancarada A garganta do inferno,—o abysmo incan- (descente.

Em tanto esse patife, inflado de pastor De ovelhas que tosquia, infame sem pudor, Venera a boa meza e ama os fatuos bri- (lhos

Do luxo e da impureza. E isto tanto é (certo Que conserva d'outr'ora ali, de si bem (perto A velha concubina e dez ou doze tilhos.

Fortaleza,—1887.

J. MARTINS.

## Letras e Artes

O movimento litterario no paiz tem sido muito moderado nos ultimos mezes; nullo, poderamos mesmo dizer, pois, que não tem vindo á luz

trabalhos de folego, obras que fiquem livros, finalmente.

Todavia nota-se na imprensa alguma animação e diversas revistas tem apparecido, de character scientifico e litterario.

Não mencionando *A Semana*, typo em seu genero e que já alcançou condições de estabilidade e promette tomar desenvolvimento, como já-mais o teve nenhuma folha litteraria, entre nós, o Rio de Janeiro mantém presentemente quatro outras publicações quasi do mesmo genero e todas, parece, prosperam razoavelmente.

Em algumas provincias, os pequenos nucleos de homens de lettras que nellas existem, tem-se representado ultimamente na imprensa, e no norte e no sul começam a ser menos raras as publicações de character mais ou menos litterario.

S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Espirito Santo, Bahia, Pará e, ultimamente, o Piahy dão-nos alguns bons specimens do genero.

No Maranhão, porem, nota-se uma especie de estagnação litteraria e artistica.

Sem offensa ao melindre da gloriosa patria de Gonçalves Dias, pode-se afirmar que a vida intellectual concentra-se alli no limitado circulo dos laboriosos redactores da *Pacotilha*, jornal de feição boulevardeira, adiantada e sympathica.

Em Pernambuco os muitos elementos existentes permanecem esparsos, raramente se congregam ou se congregam frouxamente.

E' assim que tem sido infructiferos os esforços tenacissimos de Isidoro Martins Junior e alguns outros trabalhadores de talento e vontade para darem alento ás diversas tentativas feitas para manutenção de empresas jornalisticas, que se apartem do typo chato e massudo da folha partidaria pretenciosa, balôfa e inutil.

De um golpe de vista rapido sobre a vida litteraria do paiz, resulta que o periodo que atravessamos é auspicioso para as lettras e até talvez mesmo seja a vespera de verdadeiros acontecimentos litterarios.

De Portugal, são verdadeiramente agradaveis as noticias que chegam.

Um dos diarios da imprensa de Lisboa, exprime-se assim em um de seus numeros do mez passado :

«Não se diga que não ha movimento litterario no nosso paiz. Estamos mesmo atravessando um periodo de fertilidade do trabalho com que todos nos devemos honrar. Ain ta ha pouco annunciavamos a appareça da «Virgem em Hespanha», de Anselmo de Andrade, um livro de viagens como raramente se escreve não só em Portugal como lá fóra. Depois veio a traducção do «Hamlet», prefaciada com um estudo critico do seu traductor, José Anto-

nio de Freitas, estudo que pode ser alvo de todas as discussões, duvidas e discordancias, mas que, incontestavelmente, manifesta muito talento, ainda mesmo que a doutrina que advoga não seja mais do que uma utopia. O livro de Arnalho Ortigão, «John Bull», uma bella critica sobre a vida ingleza, tem tido entre nós o acolhimento extraordinario que as obras do illustre escriptor sempre despertam. Para os «gourmets» das coisas litterarias temos ainda a registrar «O livro de Cesario Verde», publicado e prefaciado por Silva Pinto, um livro de verso, encantadores pela forma e pela originalidade que tinha esse rap z, arrebatado em plena mocidade, em pleno vigor da intelligencia; um livro que é, ao mesmo tempo, a homenagem d'un amigo dedicado, que, generosamente, o espilha pelos admiradores d'esse pobre rapaz que para se fazer conhecido e apreciado não precisou da «claque» velhaca d'uma «camaraderie» interesseira.

Agora temos uma outra novidade litteraria: «A Reliquia», de Eça de Queiroz, um romance ha tanto tempo annunciado, esperado, impacientemente, todos os dias e que, em breve, desaparecerá das livrarias tal é o assalto dos seus entusiastas.»

A *Reliquia* está sendo publicada na *Gazeta de Noticias*, em folhetim e já appareceu nas livrarias da corte e do Pará.

Ao Ceará é que ha de chegar quando ninguem mais por ahi quizer lê-la, pois que, aqui, em tratando-se de novidade litteraria as livrarias são ainda da opinião da preguiça — andar de vagar para chegar de pressa.

## CONTRASTE

Que val da tez a alvura deslumbrante,  
Os bellos tons dos labios nacarados,  
A luz dos olhos vivos, annegrados,  
Como no espaço um ponto radiante ?

O rosto oval de traços bem correctos,  
Supercilios traçados á pincel,  
Contornos de invejar um bom cinzel  
E dotes naturaes os mais discretos ?

Quando tu, tão formosa quão perdida,  
Obedecendo ás leis de um atavismo  
Alardeias o vicio com cynismo  
Fazendo contrastar teu rosto e vida !

RODOLPHO THEOPHILLO.

## O CAIPÓRA

O *Caipóra* é das superstições populares, que passaram para a mythologia indiana, uma das mais interessantes e celebres.

São substancialmente differentes as descrições que temos delle, quanto ao seu tamanho, figura, usos e costumes—

E' caboclinho feio,  
Alta noite na matta a assoviar ;  
Quando alguem o encontra nas es-  
(tradas,

Saltando encrusilhadas,  
Se põe a exconjurar !

E' alma de um tapuyo  
Fazendo diabruras no sertão...  
Cavalgando o *queixada* mais bravo  
Transpõe valles e rio  
Com um cachimbo na mão.

Assombrado das manadas,  
Enreda a onça em moitas de cipó ;  
De montanha em montanha vae pu-  
(lando,  
Vae quasi que voando,  
Suspenso n'um pé só !

Mello Moraes Filho, MYTHOS E POÈ-  
MAS.

—E' *caboclinho* encantado, dos bellos duros, que apparece nas florestas ermas, *benigno* para uns e *maligno* para outros; domina as feras, fuma constantemente e passeia n'um caetitú (que acoita com uma chibata de japecanga), se encontra o transviado pede-lhe fumo e, se o nega, agarra-o e, na garupa do seu caetitú, leva-o para as grotas, affim de servir-lhe de pasto ao seu selvagem banquete. (J. Galeno, «Scenas Populares», Notas, pag. 280, e «Lendas e Canções Populares», Notas, pag. 407.)

—*Gigante* pelludo, montado em um enorme porco selvagem, e taugendo uma vara de animaes da mesma especie, q' de vez em quando elle excita com gritos. Apparece ao caçador que quer destruir uma familia inteira de animaes selvagens, esgotando assim uma fonte de alimentação, e seu encontro presagia-lhe desgraça e má sorte continua em todas as emprezas. (Emilio Allain, «Quelques Donneés sur la capitale et sur L'administration du Brésil», pag. 141)

—*Miniatura de gente*, que anda com varas de caetitú, montado no maior de todos elles, máu agouro era encontral-o, donde vem chamar-se *Caipóra* ao homem a quem sae ao revez. (G. Dias, «Diccionario Tupy».)

—Veste a feição de um indio, *anão* de estatura, com arinas proporcionadas ao seu tamanho; habita os troncos das arvores carcomidas, para onde attrahe os meninos, que apanha desgarrados nas florestas. Outras vezes devaga sobre um tapyr (anta), ou governa uma vara de infinitos caetitús, cavalgando o maior delles. Os vagalumes são os seus batedores, e é tão forte o seu condão que o indio que por desgraça o avistasse era mal succedido em todos os seus passos. (G. Dias, «Brazil e Oceania», na «Rev. do Instituto Historico», Tom. 30, pag. 103; nota 144.)

—*Homem c Blossa*, de corpo pelludo, montado em um porco do matto, ninguem o pode ver *sem ser extremamente infeliz pelo resto de sua vida*; é um ente tão máu que não pôde ser visto sem que arraste á infelicidade a quem o avistar. (Couto Magalhães, «O Selvagem», Parte 3.ª, pag. 130.)

—Ente phantastico que, segundo a erendice peculiar á cada região do Brazil, é representado, ora como «uma mulher unipede» que anda aos saltos, ora como «uma creança de cabeça enorme», ora como «um caboclinho encantado». Esses entes habitam as florestas ermas, donde sahem á noute a percorrer as estradas. Infeliz d'aquelle que encontrar o Caipora. Nesse dia tudo lhe sahe mal, e outro tanto lhe acontecerá nos dias seguintes, enquanto estiver sob a impressão do terror, que lhe causou o fatal encontro. (Beaurepaire Robau, «Glossario de Vocabulos Brasileiros, na «Gazeta Litteraria da Côrte», Vol. 1.º, pag. 281.)

Era tambem protector das florestas, em cujas arvores, sobretudo o cedro, não consentia que se tocasse impunemente.—

Não derribes meus cedros, murmura-

(va o genio das florestas apparecendo adiante de um vizir,—sinão eu juro punir-te rijamente! E no entanto o vizir derribou a sancta selva! Alguns annos depois foi condemnado ao cutello do algóz. Quando encostava a cabeça febril no duro cepo recuou atterrado: Eternos deuses! Este cepo é de cedro! E sobre a terra a cabeça rolou banhada em sangue! Fagundes Varella, «O Vizir».

—Phantasmas das florestas. Macedo, «Lições de Historia do Brazil», pag. 49.

—Lume fatuo que apparece nas mattas. Moraes, «Dic. da Ling. Port.» Constancio, «Nov. Dic. Crit. e Etym. da Ling. Port.», Faria, «Nov. Dic. da Ling. Port.», Caldas Aulette, «Dic. Contemp. da Ling. Port.», João de Deus, «Dic. Proz. de Portug. e Braz.»

Mas esta superstição popular será pura criação do indigena do Brazil?

A dar credito a Taine, os typos verdadeiramente ideaes só nascem nas epochas primilivas e innocentes. E' sempre a esses tempos, aos sonhos da infancia humana, que se deve remontar para encontrar os heróes e os deuses. Cada povo tem o seu, arrancados dos seus corações, alimentados por suas legendas, e á proporção que esse povo se adianta atravez da solidão inexplorada das edades novas e da futura historia, suas imagens immortaes deixam deante de seus olhos outros tantos genios bemfazejos, encarregados de guial-os, protegel-os. Taes são os heróes nas epopeas populares.—Sierfried, no «Nielungen», Rolando, nas velhas crenças do geste, o Cid, no Romanceiro, Roston no Livro dos Reis, Antar na Arabia, e Ulysses e Achilles na Grecia. («Ideal na Arte», pag. 167.)

Ora, não conhecemos chronista que atteste a existencia desse typo popular na mythologia indiana primitiva do Brazil.

Poderia bem ser invenção dos primeiros padres para chamarem os indios á vida social, ou dos colonos para explicarem o desaparecimento dos meninos que elles talvez tivessem roubado. (G. Dias, «Brazil e Oceania cit., pag. cit.)

A versão de Moraes—«o vulgo diz que são almas de caboclos mortos sem baptismo» bem está denunciando a origem jesuitica dessa lenda, introduzida entre os selvagens brazilecos com um nome indigena (1), para fazel-a popular e chamar mais depressa por esse meio—esses entes supersticiosos ao gremio da igreja catholica e á obediencia dos preceitos religiosos.

Na Europa a mesma lenda era conhecida, sob outra forma e outro nome, desde a mais remota antiguidade.

Na antiga Roma já eram conhecidos os *Lemures* (2), almas ou sombras dos maos que, separados dos corpos, perseguíam os vivos, superstição celebrada por Ovidio em suas «Metamorphoses».

E' em outros termos o *quinon* hespanhol (pisar do olho), ou o *guignon* francez (do verbo *guigner* pisar os olhos): má sorte principalmente no jogo; especie de genio mal-fasejo empregado nos contos infantis para significar ou explicar contrariedades successivas. E. Littré, «Dict. de la Lang. Franç.», Araripe Junior, «Luizinha», Notas, pag. 241.

A's vezes tambem se encontra escripto—*Guillon*:

Lá vint un postillon,  
Qui m'aportait *guillon*  
Me suivant á la trace,  
A' la seule parole  
D'une femme trop folle;  
Maudite soit sa race.

Marot., «Euvres choisies, II, 162.

Quanto á Metropole, as «Allegorias», diz Theophilo Braga, estavam no gosto das entidades rhetoricas da litteratura dos Jesuitas, que então se apoderaram da educação publica. As derivações mais notaveis desta corrente são o «Grand Cyrus», a «Cle-

(1) Caipóra é palavra guarany (Varnhagen, Hist. Ger. do Braz., Tom. 1.º, pag. 44), composta de *cua* matto e *póra* habitante: habitante do matto. Martius, Gloss. Ling. Braz., pag. 494, Baptista Caetano, Vocab. de Palavr. Guar., pag. 63 e 412.

(2) Lemures, segundo Court de Gebelin, se deriva de *ur* luz, em *chald.*; segundo outros de *ollumi* matar, ofender, em grego. Me parece corruptela de Remures ou Remuria, do nome de Remus, cuja morte pelo irmão Romulo, fundador de Roma, foi a primeira expiada no gosto das Remurias, festividades creadas contra os Remures. Chrompré, Dic. Abrev. de Fab.

lia», a «Astréa», e a sua mais exagerada concepção o «Pays de Tendre», cujo bucolismo chilro penetrou no gosto publico e nos costumes sociaes até ao tempo do Romantismo. Em Portugal achamos um dos typos mais completos do genero; é a «Historia do Predestinado Peregrino» tirada d'essa extraordinaria allegoria ingleza o «Pilgrim's Progress», de Bunian, que era *anabatista* e combatia nella o baptismo, sendo apezar disso aproveitada pelo jesuita Alexandre de Gusmão. («Theoria da Litteratura Portugueza», pag. 79.)

E em outra parte accrescenta o mesmo erudito escriptor:—O que os jesuitas fizeram em Portugal repetiram-no no Brazil; o padre Fernão Cardin, descrevendo as aldeias de indios catéchisados, falla das crianças que elles educavam:—«Estes meninos fallam o portuguez, cantam a doutrina pela rua e encomendam as almas do purgatori» (Introdução aos «Contos Populares do Brazil, colligidos pelo Dr. Silvio Romero», pag. 17.)

Quem não vê no «Caipóra» a mais perfeita afinidade com os Lemures dos Romanos, Guignon dos Hespanhóes, e Guignon ou Guillon dos Francezes etc.?

Transplantada a lenda de paizes povoados e cultos para outro completamente inculto, despovoado, de mattas virgens quasi todo, havia de por força receber a mais plena e universal acceitação e soffrer transformações sensiveis, vazadas no molde especial e rude da indole supersticiosa do aborigene, fanatico pela jurema e dominado pelo pajé.

PAULINO NOGUEIRA.

## AVISOS

### Club Litterario

Amanhã ás 12 horas do dia ha sessão do CLUB LITTERARIO.

São convidados os Srs. socios.

M. O. PAIVA,

Secretario.

## A QUINZENA

Rogo aos Srs. assignantes, cujas assignaturas estão vencidas, o favor de reformal-as, para não ser sustada a remessa.

JOSE' OLYMPIO.  
Gerente

## ANNUNCIOS

## A QUINZENA

**Escriptorio da Redacção**

RUA DO MAJOR FACUNDO--56  
 Todos os negocios relativos à administração trata-se com  
 O gerente,  
 JOSE' OLYMPIO.

**CLUB LITTERARIO**

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas da manhã às 10 da noite.  
 Acham-se à disposição dos Srs. socios jornaes e revistas nacionaes e estrangeiros.

**ALFAIATARIA**

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

**Motta Vieira & C.<sup>a</sup>**

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

Notie-Bame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES  
 RUA DA BOA-VISTA N. 41

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim officer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades.  
 Enxovas para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.  
 Ceará.

**COSTA SOUZA**

Especialidades em fazendas modernas, chapéus, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza

86-B Rua do Major Facundo

**LIBERTADORA**

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmeo, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.<sup>as</sup> Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

**LOTERIAS CEARENSES**

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transference. Bilhetes à venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

**J. WEILL & C.<sup>a</sup>**

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

**Joalheria. Relogios**  
 de todos os generos

Compram sempre ouro velho e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

**CONFUCIO**

Unico estabelecimento especial em artigos para

**Uso domestico**

Louças, vidros, mobílias etc  
 Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

**ARTIGOS PARA JOGOS**

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

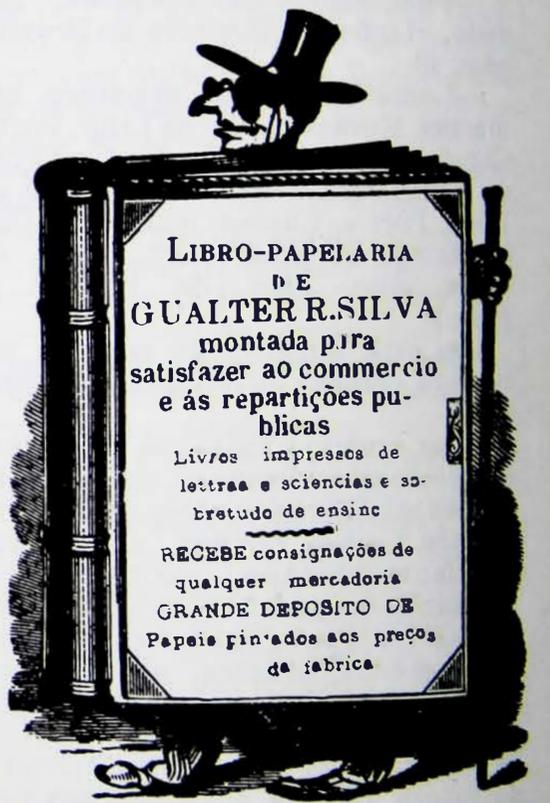
**GUILHERME ROCHA & C.<sup>a</sup>**

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 71.



LIBRO-PAPELARIA  
 DE  
 GUALTER R. SILVA  
 montada para  
 satisfazer ao commercio  
 e ás repartições publicas

Livros impressos de  
 lettras e sciencias e sobretudo de ensino

RECEBE consignações de  
 qualquer mercadoria  
 GRANDE DEPOSITO DE  
 Papeis pintados aos preços da fabrica

**Pharmacia Albano**

GRANDE DEPOSITO  
 DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartiras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36

CEARA'

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 12

FORTALEZA, 5 DE JULHO DE 1887.

## SUMMARIO

Expediente ;  
Herbert Spencer.—JOAQUIM MA-  
NOEL SIMÕES ;  
A mor de bardo—J. GALENO ;  
Pestalozzi — J. DE BARCELLOS ;  
Antonia e Alice — R. FARIAS BRITO ;  
O povo á realza.—J. DE SERPA ;  
Historia natural—RODOLPHO THEO-  
PHILO ;  
Exterioridades —MARTINHO RODRI-  
GUES ;  
Carnahúba.—PAULINO NOGUEIRA.  
Nenê—ANTONIO OLYMPIO ;

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	28000
Semestre . . . . .	48000
Anno . . . . .	88000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	58000
Anno . . . . .	108000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facondo 56

## Herbert Spencer

O grande vulto que faz o objecto d'este artigo e que se impõe n'este momento á consideração de todos que não desdenham os assumptos da sciencia e philosophia, transpoz em 2 d'este mez as humbras da eternidade, entenda-se, no espirito e na memoria dos sobreviventes d'esta e das futuras gerações. Profundo foi o sulco que deixou de sua gloriosa existencia, bastante profundo para que seja possível a extincção do seu nome e da sua auctoridade nas luctas porvindouras do pensamento. Ao morrer, isto é, á sua entrada na phase de transubstanciação deve ter sentido (feliz sentimento derradeiro!) a consolação peregrina da immortalidade garantida.

Herbert Spencer, deixando o seu nome tão brilhantemente ligado á revolução philosophica operada no nosso seculo, conquistou essa posição a expensas, quem sabe, de sacrificios sem conta, da abstinencia completa dos multiplos praeeres que constituem o fim primordial da especie. E' veneravel, com effeito, a abnegação que conduz a uma maior somma de progresso, condição vital da humanidade e quão mais veneravel não é esta especie de abnegação do que as dos canonisados do catholicismo que levaram a vida a porfiar por uma chimera, impulsionados pela suggestão egoistica de uma recompensa celete?

Foi um grande homem que tomou perante uma fatalidade biologica mas um «grande homem» como se deve comprehender esta denominação, grande pela sciencia, pela philosophia, pela intelligencia, não «grande» como Bonaparte e todos os Cesares antigos e modernos que só tiveram preocupações odiosas de um engrandecimento irracional, e cuja obra se resume no retrocesso da Humanidade. Este de que fallamos, impõe-se ao respeito de todos porque foi um verdadeiro benemerito, benemerito pelo trabalho sabiamente utilizado, benemerito pelo forte contingente de luz que trouxe a muito cerebro entenebrecido pelos erros accumulados de uma tradição mythomorphica. A benemerencia efficaç e perduravel reside n'aquelle que põe todas as suas potentes faculdades ao serviço do mais elevado ideal—o aperfeiçoamento humano.

E Spencer está indubitavelmente n'este caso: um dos maiores pensadores que o mundo tem produzido, um verdadeiro talento d'eleição, d'esses que a Humanidade ao a custo pode ostentar atravez do seu intrincado condicionalismo, é justo que nos descubramos reverentes diante do seu tumulo onde se encerram os restos de uma organização modêlo, séde de primorosas faculdades. Seja-nos permittido prestar-lhe esta nova forma de culto, aliás a unica compatível com este fim de seculo, aureolado por tantas conquistas pasmosas nos dominios da Sciencia.

Herbert Spencer, nasceu em Derby (Inglaterra) em 1820, tendo portanto completado seu desenvolvi-

mento depois de 1840, quando a grande revolução philosophica moderna já estava iniciada pelo *Curso de Philosophia Positiva* de Augusto Comte, e quando já as sciencias tinham passado por uma grande transformação no sentido experimental, pela collaboração de pacientes e sahios investigadores como Lamarck, Humboldt, Bichat, Darwin e muitos outros. Achou-se pois Spencer quando entrou na vida activa, em face de um meio intellectual já muito avançado; e este facto reunido ás suas tendencias philosophicas, induziu-o immediatamente ao estudo profundo e synthetico de todos os ramos dos conhecimentos humanos, especialmente da Sociologia, do que resultou o seu primeiro trabalho intitulado—o *Equilibrio Social*, que lhe mereceu ser collocado desde logo na primeira file dos philosophos contemporaneos. Aceitando convictamente da *Philosophia Positiva* o que ella tem de fundamental—a experiencia, a observação, a relatividade e a evolução—acham-se todas as suas obras impregnadas do espirito positivo, e despeito de uma certa preocupação metaphisica que algumas vezes deixa transparecer, preocupação que é o defeito de todas os positivistas inglezes. D'essa preocupação, que consiste em vagas allusões ao Absoluto, e da qual nunca Spencer conseguiu libertar-se apesar da grande capacidade do seu engenho e que se explica pela especial attenção que os philosophos inglezes desde Locke sempre ligaram ao facto psychologico, d'essa preocupação, dizemos, nasceu uma classificação das sciencias formulada por Spencer, em contraposição á formulada por Comte. Essa nova Classificação occasionou um grande ruido no mundo philosophico e com ella muito especularam os adversarios do positivismo que n'essa reforma pretenderam divisar o desmoronamento da portentosa doutrina. Como era natural, provocou muitas replicas dos discipulos de Comte, que já então fallecera, sendo a principal a de Littré que magistralmente refutou a nova hierarchia scientifica apenas de accordo com a de Comte na parte que diz respeito á Mathematica.

Esta divergençia importante, posto que não fundamental, levou mu-

tos a pôr em duvida a escola de Spencer e, entre outros, Laugel a chamal-o o ultimo dos metaphisicos. embora reconhecessem que suas obras se resentiam essencialmente da influencia positivista. Não temos porém duvida em classificar Spencer como adepto da philosophia positiva, apesar mesmo de ter dado a esta uma base subjectiva ou psychologica ao contrario de Comte que lhe dera a base objectiva, pois, como diz Littré, «dos dois lados (inglezes e francezes) a experiencia e a relatividade são a regra, apenas os methodos são oppostos.»

O criterio positivista, o unico que pode conduzir a resultados proveitosos, serios e praticos, inspirou e orientou todos os seus grandes trabalhos, e diremos mesmo, que sem elle Spencer não attingiria o superior ponto de vista synthetico com que abordou seronamento e magistralmente os assumptos os mais importantes, e que lhe deu o renome universal de que gosa. O racionalissimo e comprovadissimo principio geral da Evolução mereceu-lhe sempre capital importancia e das respectivas applicações que são mui vastas surgiram quasi todas as suas obras, notando-se «Os Principios de Biologia» e «Os principios de Sociologia» que são na realidade verdadeiros tractados, d'essas duas sciencias, as mais complexas de todas.

Em ambas essas obras se vê como é vasto o seu saber, como é excepcional a sua intelligencia: ha ali capitulos que por si sós seriam sufficientes para constituir uma solida reputação scientifico--philosophica.

Os seus trabalhos sobre moral e educação são tambem obras primas no seu genero, e talvez, a melhor cousa que se haja publicado sobre assumptos de tão palpitante interesse pratico. Um d'elles o que tem por titulo «Educação Moral, Intellectual e phisica» mereceu a honra suprema de ser adoptado nas escolas de França, e a commissão pedagogica nomeada ali em 1884 para organizar catalogos pedagogicos, a precizando-o, diz entre outras cousas o seguinte: «Este livro contém sob uma forma viva e original, o esboço d'uma philosophia da educação: a unidade do pensamento é tão forte n'elle, o conjuncto de ideas tão intimo, que basta approximar certos fragmentos dispersos para constituir um livro digno de ser lido e meditado. O dom dos pensadores é despertarem o pensamento dos demais: Spencer pertence ao numero dos que não se aborçam em vão.»

O seu livro--«Principios de Psychologia», a despeito de considerar esta sciencia como fundamental e portanto independente da Biologia, de accordo com a classificação das

sciencias a que ja nos referimos, é todavia notavel pelos conceitos essencialmente positivistas que encerra como esto que julgamos digno de especial menção, porque, dá a medida do seu criterio extraordinario e porque fere de frente de um modo admiravelmente conciso a magna questão pela qual tanto se tem batalhado e tanto se tem escripto. Eil-o:

«Embora consideremos ordinariamente a vida mental e a vida corporea como distinctas, basta que nos elevemos um pouco acima do ponto de vista vulgar para nos convenceremos de que essas distincções não são mais do que subdivisões da vida em geral e que toda a linha de demarcação que se tire entre ellas, é arbitraria. Para os que persistem, à maneira vulgar, em não contemplar sinão as formas extremas das duas, certamente esta asserção parecerá inacreditavel. Se é certo, porém, que desde o simples acto reflexo pelo qual a criança mama até aos raciocinios complexos do adulto, o progresso se realisa dia a dia por grãos infinitesimales, é certo tambem que entre os actos automaticos dos seres mais degradados e as mais altas acções conscientes da raça humana, pode dispôr-se toda uma serie de actos manifestados pelas diversas tribus do reino animal de forma tal que seja impossivel dizer-se n'um dado momento da serie: aqui começa a intelligencia.»

Depois d'isto a que fica reduzido o animismo, esse pretensio balthro insondavel entre a nossa e as outras especies, esse duenda que tanto tem dado que faser aos theologos e metaphisicos e que tanta gente se obstina em sustentar pelo fatal preconceito anthropocentrico, que nada mais é que um orgulho desmedido da nossa especie a cerrar os olhos à simples evidencia?

Inimigo das luctas politicas, e só amigo de revolucionar pacificamente e austeramente no remanso do seu gabinete, Herbert Spencer a ellas se conservou sempre estranho e e diversas vezes instado por seus compatriotas para acceitar o cargo de deputado, recusou-o sempre, expondo, que no parlamento transviaria a sua actividade que desejava destinar exclusivamente ao triumpho de seus principios, que effectivamente logrou conseguir, só nos restando lamentar que sua preciosa existencia não tivesse sido mais longa para nos proporcionar novos frutos da sua genial capacidade.

Alem das obras a que nos temos referido e que são:

*Equilibrio Social*  
*Classificação das Sciencias*  
*Principios de Biologia*  
*Principios de Sociologia*  
*Educação Moral, intellectual e phisica*  
*Principios de Psychologia,*

Publicou mais as seguintes:  
*Ensaio Scientificos e politicos*  
*Primeiros Principios*  
*Sociologia Descritiva*  
*Introdução à Sciencia Social*  
*Ensaio de Moral, de Sciencia e de Esthetica*  
*Ensaio sobre o progresso*  
*As bases da moral*  
*O Estudo da Sociologia.*

Ao todo quatorze. Se muitos se lhe avan'ajam na quantidade, poucos porém, rivalisarão com elle na qualidade.

Em todas essas obras se nos mostra o mesmo cerebro vigoroso, a mesma individualidade possante que tão benefica e perduravel influencia exerceu na mentalidade moderna.

Concluiremos, repetindo com o seu eminente compatriota Stuart Mill:

«É um dos poucos espiritos creadores e mestres que surgem orientando a sua geração no seu rumo grandioso para o progresso que não é um accidente, que não está submettido à vontade do homem, mas que é uma necessidade benefica, que o leva a proseguir no seu destino elevado.»

A evolução é o termo com que se exprime a sua theoria philosophica, hoje de posse das mais lucidos criterios que trabalham no mundo.»

JOAQUIM MANOEL SIMÕES

### Amor do bardo

Nos largos campos da vida  
Vicejam flores a mil,  
Brilham da noite as estrellas  
N'aquelle manto de anil;  
Mas, n'esse prado florente,  
Cuidado, linda innocente,  
Ai, muita flor rescendente  
Veneno occulta subtil!

Mas, entre as flores viceja  
O lyrio de mago olor,  
E brilha no céu a estrella  
Do verdadeiro fulgor!...  
O lyrio só tem perfume,  
Que mil delicias resume...  
Purezas do céu o lume  
Reune ás chammas de amor.

Nos prados, pois, d'esta vida  
Procura o lyrio do val,  
Fictando sempre enlevada  
Do céu o lindo phanal;  
E o lyrio guarda no seio,  
Nas sombras de um doce enleio...  
E contempla sem receio  
O astro celesteal!

E queres achar, oh, virgem,  
Logo a estrella, logo a flor?  
No sacrario de sua alma,  
Ambas tem o trovador!  
Do bardo o genio resplende...  
Seu affecto olôr rescende...  
Ficta o astro que se accende;  
Colhe o lyrio... é o meu amor!

Oh, sim..., escuta! — Prosegni gemendo—  
Recebe a flor!

Quanta fragancia, que ternura immensa.  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Maternos miunos, paternaes desvelos,  
D'anjo o candor...  
Perenne arroyo de celeste effluvio...  
Assim do bardo o fervoroso amor!

Astro que nunca... que ja mais se apaga  
No riso ou dor...  
Quantos enlevos... que luar sereno...  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

O sol da gloria... illeminando os louros...  
Quanto fulgor...  
Quantas grinaldas de viçosas palmas  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Oh, vem! Recebe na tua frente as c'róas  
De tanta flor!  
Luz, harmonia, dedicação acceita  
Nos santos laços de meu puro amor!

Fonte de afagos, de infantil carinho  
Consolador...  
Brisa que embala eternamente um berço...  
Assim do bardo o fervoroso amor!

..

Ella escutara a divagar n'um sonho,  
Talvez em nuvens das regiões ethereas,  
As minhas trovãs.. Muita vez seus olhos  
Eu vi ardentes.. como que bravios.  
Qual da gazella dos dezertos lagos,  
Volverem rapidos... Logo após suaves,  
Qual branda vaga, si o terral não geme  
Na fulva areia de abrigadas praias,  
Si eu, como o vime da procella ao sopro,  
Ou qual infante si o trovão ribomba,  
Estremecia... supplicando treguas!

Imos arcanos! — Coração de virgem,  
Flor da candura, ao despontar d'aurora,  
De q' tens medo? Que terror! Que susto!  
—Mãe desvelada que raivosa investe  
Contra o phantasma que seu filho ameaça,  
E encontra flócos d'alvacenta nevoa,  
E volve ao pouso desarrando as iras...  
Assim a virgem—da paixão aos cantos,  
Ergue-se e vóa, enraivecida busca  
Defeza á sua angelical pureza...  
Mas, eis, que esbarra na muralha immensa  
Das aureas letras d'uma lei eterna!  
E, pois, já volve de mais brandos affectos...  
Do amor ao laço a soluçar se entrega!

J. GALENO.

## PESTALOZZI

I

(Continuação)

Em outubro de 1767, Pestalozzi foi para Kirchberg, perto de Berne, praticar com o celebre agronomo Tschifeli.

Ali passou elle um anno inteiro, estudando a theoria das diversas culturas e entregando-se com ardor aos mais rudes trabalhos.

Imbuído nas doutrinas de Rousseau, via elle na agricultura a regene-

ração das classes pobre. Aprendel-a-hia em sua maior extensão, em todas as suas partes, ficaria rico e independente do mundo inteiro; poderia então derramar em torno de si a abundancia, a felicidade.

O coração tivera grande parte nessa evolução no seu pensamento.

Pestalozzi amava a filha de um de seus amigos, Anna Schultzes, de esmerada educação, formosa e rica.

Para pedil-a, queria primeiro ter uma posição.

N'um ponto foi a natureza cainha de mais para com Pestalozzi; não lhe concedeu nada disso que de ordinario agrada as moças; era muito feio. Alem disso, em oxtremo desleixado;

Anna, porem, via de mais alto e dizia: «Tanta nobreza, tanta elevação penetram-me a alma.» E assim aqueles dous corações se entenderam; amaram-se (1)

D'outra feita dizia-lhe Anna:

« Pouco terias que agradecer a natureza, se ella não te tivesse dado esses grandes olhos negros, que revelam a bondade de teu coração e a extensão de teu espirito.»

Começaram a corresponder-se em 1767. Dessa data até 30 de setembro de 1769, conservam-se 300 cartas de Pestalozzi e de Anna mais de 200.

Nessa collecção falta uma carta que se tornou celebre: é a carta em que Pestalozzi propõe a Anna unir sua sorte à d'elle.

Transcrevemos a parte, em que Pestalozzi lealmente lhe aponta os defeitos de seu character, e com lealdade lhe declara que no seu coração as affeições domesticas estariam sempre subordinadas aos deveres para com a patria.

«... Os meus defeitos que me parecem mais importantes para o meu futuro, são a imprevidencia, a imprudencia e a falta de presenca de espirito ante as mudanças inesperadas que me podem sobrevir. Não sei até que ponto poderei diminuir os com os esforços que fizer. Neste momento são ainda taes que não os devo dissimular á mulher a quem amo. Deve pensar bem nesses defeitos, minha querida amiga. Tenho mais outros, provenientes de uma impressionabilidade que recusa submeter-se ao juizo da razão; muitas vezes critico e elogio em excesso, abandono-me a sympathias e antipathias irreflectidas.

... Não tenho precisão de falar-lhe na minha grande e na verdade censurabilissima negligencia de toda etiqueta, e em geral de tudo que em si mesmo não tem importancia, porque isso salta aos olhos...

... Declaro-lhe com toda a franqueza, minha cara amiga, que hei de considerar sempre os deveres para com a minha esposa subordinados aos deveres para com a mi-

nha patria; embora seja o mais tenro dos maridos, hei de considerar como um dever ficar inexoravel ás lagrimas de minha mulher, se algum dia ella procurar desviar-me do cumprimento de meu dever de cidadão, sejam quaes forem as circunstancias.

... A minha mulher ha de ser a confidente do meu coração; ha de conhecer meus pensamentos mais secretos. Em minha casa reinará uma grande simplicidade: Ainda ha mais a minha vida não correrá sem emprezas importantes e mui perigosas...

Com medo dos homens, nunca me calarei, quando vir que o hem de minha patria me ordena que fale; á minha patria pertence todo meu coração; tudo arriscarei para minorar os soffrimentos e a miseria de meus concidadãos.

... Minha cara amiga, com o coração nas mãos, lhe falei do meu character e de minhas aspirações. Reflecta em tudo isso. Decida agora se pode dar seu coração a um homem que tem taes defeitos e lhe offerece tal futuro, e se com elle pode ser feliz.»

Anna Schultzes respondendo-lhe não se mostra aterrada com as perspectivas que Pestalozzi lhe fazia entrever (2).

Seus paes, porem, oppunham-se ao casamento.

Em 1768, Pestalozzi voltou a Zurich, em procura de meios para realisar um projecto de que esperava resultados enormes.

Queria fazer uma grande plantação de ruiva, planta tinctorial cuja cultura seu mestre Tschifeli, acabava de introduzir na Suissa.

Por intermedio de um de seus amigos obteve que um banqueiro se associasse com elle, entrando com 15000 florins.

Perto de Birr, na Argovia, Pestalozzi comprou um terreno para suas culturas, e, em quanto construia uma casa, foi instalar-se n'uma aldeia proxima.

Os paes de Anna Schultzes cederam emfim aos empenhos dos amigos, de Pestalozzi, e consentiram em dar-lhe a filha. Anna não teve dote; mandaram-lhe apenas a roupa e o piano.

Ao sahir ella de casa, disse-lhe a mãe:

—Vae, tu har ser obrigada a te contentares de pão e agua.

O casamento effectuou-se no dia 30 de setembro de 1769.

Pestalozzi tinha 23 annos de idade; Anna, 30.

J. DE BACELLOS.

### Antonia e Alice

Eram duas irmãs, Antonia e a meiga Alice,  
Duas flores mimosas cheias de meiguice

E cheias de ternura:

Alice, a virgem bella e Antonia a virgem pura,  
Habitavam no campo e eram como as rosas,  
Cheias de phantasia, ingenuas e formosas  
Como meigas crianças.

E a casa d'ellas era um ninho d'esperanças.

N'uma tarde de abril

Soprava mansamente a viração subtil.  
Lustavam no jardim as duas virgens bellas,  
Alegres como o ceo, risonhas como estrellas.

Disse a loira Alice: "Antonia, estás formosa  
Como eu nunca te vi: és a mais bella rosa  
Que brilha no jardim. Já sei: é esperado  
Li je mesmo Roberto, o teu Roberto amado.  
E' bom quando se espera aquelle a quem se adora,  
Fica-se mais formosa. E ao passo que se chora  
No momento em que parte, sente-se mais vida  
Quando é esperado.--"

Antonia enternecida

Respondeu-lhe a sorrir, mas triste dentro d'alma,  
Como quem a esperar se acha a triste palma  
Da dor e da afflicção:---"T'enganas, minha Alice.  
Tudo isso te vem da eterna meninice  
Que acompanha os teus dias calmos, venturosos.  
Eu sinto até que vem cruel se approximando  
Uma terrivel dor. Eu sei qu' é esperado  
Hoje mesmo Roberto, e meu Roberto amado;  
Mas (não sei qual a causa) sinto uma tristeza,  
Uma tristeza tal, que até..."---

Essa tua; formosa Antonia idolatrada!

Pois desde a madrugada,

Desde qu'eu accordei que penso na alegria  
Que deves ter, Antonia. Eu sei que sentiria  
Um mui grande prazer se como tu tivesse  
De ver assim de volta o meu amor. Parece  
Que eu havia de achar encanto em cada rosa,  
Em cada verde folha, em cada flor mimosa,  
E até nestas pedrinhas lindas que pisamos,  
Bem como nestas nuvens bellas que avistamos  
Alem por sobre os ceos...Mas ai! queres chorar?  
Parece que em teu rosto eu vejo deslizar  
Amargurado pranto?... Oh ceos! que soffrimento  
E' o teu, oh Antonia? Qual o teu tormento?  
Porque choras assim?---

---"Escuta, minha irmã,  
Responde-lhe a bella Antonia, eu tive esta manhã,  
Um sonho mui cruel: sonhei que o meu Roberto  
Estava n'ra chegar, estava já mui perto;  
Mas que no mesmo instante em que o avistava  
Fulgurante de amor, terrivel disparava  
A bala atroz cruel de um fero caçador,  
E o deitava por terra: e eu vi cheio de dor,  
Aqui frio gemendo e todo ensanguentado,  
Nos meus braços Roberto, o meu Roberto amado."

"Antonia, e acreditas  
Em phantasticas desditas

Fillas de sonhos vãos? E chamar-me creança,  
Tu que choras assim, assim quando a esperança  
Fagueira nos surri!"

"Ah! minha boa Alice,  
Então mais consolada a meiga Antonia disse,  
Como sabes ser boa! Eu sinto não poder  
Surrir como surris."

"Ja vejo apparecer

"Um vulto alem. Não vês? Talvez seja Roberto."

"Tambem eu vejo: é certo

Que alguém vem para cá. Oh que praser sem fim  
Teria, minha Alice, ao vel-o junto a mim,  
Aqui livre da morte!"

"Espera: ja vem perto."

"Mas ai! bondosa Alice, vê, não é Roberto  
E um outro mancebo."

"Esfraca entre as mulheres!..."

Mas não chores, assim Antonia, que me feres,  
Que me feres, irmã com teu pranto sentido!  
Que importa que não seja o teu estremeado  
Roberto este mancebo?"

E logo vem chegando

Um moço que inda está nos seus olhos mostrando  
Que chorou e que teve uma profunda dor  
"—Que noticia trazeis, que nos dizeis, senhor,  
De Roberto?"—pergunta logo a loira Alice.  
E o moço respondendo amargamente disse:  
"—Morreu."

Não ha quem possa a dor representar  
D'aquelles corações! A escuridão do mar  
Tem menos profundeza; e a negra tempestade  
que faz revoltar o ceo e escura a immensidade,  
Não faria o terror d'esta expressão -morreu  
Naquellas pobres moças. Logo as envolveu  
Uma nuvem sombria em trevas pavorosas.  
Alice se defeze em queixas dolorosas,  
Em amargos gemidos  
E Antonia sem sentidos  
Tombou, caiu no chão.

Depois quando voltaram

Deste sonho cruel chorosas escutaram  
O mancebo que ali mui triste lhes narrava  
A morte de Roberto, E o misero se achava  
Cheio de angustia e dor. Depois quasi em lamentos  
Chorando accrescentou: «Nos mais cruéis momentos.  
Da dor e da afflicção na mais cruel insomnia,  
O pobre murmurou esta palavra--Antonia--  
Emorreu»--

Foi a dor das miseras donzellas  
Terrivel. Nunca mais um so praser p'ra ellas  
Pode haver. Logo Alice, a bella creatura,  
E Antonia, a formosa e meiga virgem pura,  
Só fariam chorar.

Vinha as tardes Antonia as vezes se sentar  
No jardim, tendo a alma envolta em negros veus  
Buscando pelos ceus  
Se via fulgurar alguma vaporosa  
Nuvem branca ideal tornado luminosa  
Pela luz de alguma estrella.

Suppunha Antonia bella  
Que podesse assim ver de seu misero amante  
A alma transformada em raio deslumbrante  
De alguma branca e pura estrella transparente,  
Mas ai da desgraçada e misera innocente!

Embalde procurava

Uma luz, e uma luz (ai della! não achava;  
Nem brilhava no ceo nenhuma branca estrella  
Que'em sua grande afflicção viesse illuminar-a

E vinha a loira Alice então p'ra consolal-a  
Sentar-se ao lado d'ella.

## O povo à realza

## O JUBILEU DA RAINHA VICTORIA

A patria de Robert Peel e Beaconsfield, de Gladstone e Salisbury, solemnisada á esta hora, festivamente, ruidosamente uma grande data da sua historia.

Faz hoje precisamente 50 annos que ascendeu ao throno da Grã-Bretanha, contando apenas 14 primaveras, a graciosa filha do principe Eduardo, duque de Kent,—acclamada sucessora de Guilherme IV. E depois de meio seculo de governo os inglezes de todos os cantos do mundo saudam a feliz imperante em nome do coração britânico—agradecido!

São, porém, explicaveis e honrosas estas homenagens do povo á realza no ultimo quartel do seculo de Castellar e Victor Hugo.

A Inglaterra--no meio das nações civilisadas--não é simplesmente uma grande potencia politica. "Veneravel pelas altas tradições litterarias do cyclo Shakspeareano, pela obra scientifica dos seus grandes sabios do seculo XVII, como Bacon e Newton, e bem assim pela sua precedencia sobre todos os povos occidentaes na conquista e na systematisação constitucional dos direitos e liberdades modernas", ella continua a honrar e a illuminar seu passado, offerecendo á admiração universal quadros brilhantes de aperfeiçoamento e progresso em todas as manifestações da actividade humana.

Sob o ponto de vista philosophico e scientifico ahi estão para immortalisal-a os nomes de Lock, Berkeley, Hume, Reid, Mill, Bain, Maudslay, Spencer, Morell e outros. Na politica a Inglaterra foi e continúa a ser, ao lado da Belgica, o paiz classico do parlamentarismo, e agora mesmo fulguram, como astros de luz inextinguivel--as glorias dos velhos estadistas de elite nos nomes de Gladstone e Salisbury--chefes das duas escolas politicas.

Na industria e no commercio, duas grandes forças do progresso moderno, quem se lembra de disputar á patria do ouro o primeiro lugar em meio das nações europeas?!

Na litteratura mesmo, a Inglaterra pode se orgulhar de perpetuar a alma de Byron e Shakspeare nas producções dos seus grandes poetas e criticos hodiernos.

Quanto á arte, na primeira metade do seculo XIX a Inglaterra era geralmente considerada na Europa como o paiz absolutamente anti-artístico, como o paiz inesthetico por excellencia. Ella mesma chegou a reconhecer a justiça da accusação. Por isso estabeleceu o Kensington-Museum, «a mais importante escola d'arte que hoje existe no mundo e sobre a qual se moldaram os grandes institutos modernos de Vienna, de Berlim e de outras cidades da Europa.» De modo que pode-se affir-

mar, que a Inglaterra «creou os seus artistas industriaes por um simples acto do saber administrativo, empregando para conseguil-o methodos que são a mais bella, a mais pura, a mais indiscutivel gloria da moderna intelligencia ingleza.»

E em toda essa immensa luta pelo progresso e pela civilisação, alem das razões ethnicas e puramente mesologicas, que podem ser apresentadas, ha uma causa exterior, perfeitamente demonstravel, como factor do notavel adiantamento inglez--a politica sabia e previdente da grande nacionalidade.

Pode-se reconhecer com Henry Thomas Buckle ou com o seu immediato, o dilettante Draper, que a soberana da Inglaterra, a despeito de tudo, está sujeita á grande lei dirigente de todos os reis, estadistas e legisladores, que não passam de titeres movidos pelo espirito de seu tempo. Mas, ainda proclamado, como verdade indiscutivel, o principio exposto pelo autor da «History of the civilization in England», a experiencia de muitos annos e o conhecimento aprofundado dos factos convence, de que a Rainha Victoria tem sido e continua a ser, sinão a unica, pelo menos uma grande força historica do desenvolvimento britannico.

D'ahi o amor que lhe consagram os seus subditos. D'ahi essa explosão de patriotismo com que ella é saudada em pleno baptismo de luz da civilisação europea!

E a este respeito um argumento basta para deixar em relevo a benefica influencia da actual imperante no desenvolvimento historico e social do povo inglez.

Em que paiz do mundo, afora a Inglaterra, o systema constitucional, padecendo de tantos vicios de origem, ha produzido eguaes e tão brilhantes resultados? E' difficilissimo affirmal-o

Pode-se objectar-nos dizendo ser isto devido mais ás condições ineraes, economicas e ethnologicas, do povo que adoptou tal forma de governo, do que a *son métier de reine* da Imperatriz das Indias.

Pode-se ainda dizer com Theophilo Braga, o espirito mais erudito da actual geração portugueza, que «a Inglaterra, constituída por tesses dois ramos da mesma raça o *saxão* e o *normando*, o primeiro correspondendo pelo seu numero, pela sua pobreza, pelo trabalho ao que se chama —povo,— e o segundo pelas tradições, pela posse da terra e pela inercia opulenta ao que se chama —aristocracia.— tira da fatalidade d'este encontro o systema de equilibrio que é a essencia do seu governo.

Mas, ain ta depois d'estas explicações, que não estamos longe de acceitar, e applicados os principios da sciencia á politica ingleza, é res-

peitavel e digno o culto que a patria de Cromwel tributa n'este crepusculo do seculo á excelsa soberana da Inglaterra, Escossia, Irlanda e possessões das Indias.

Affirma Buckle, que o intellecto e a sentimentalidade de uma nação exigem, para brotar, para desabrochar em flor, o *substratum* das condições de bem estar, fornecidas pela riqueza.

E a riqueza, como todas as condições de adiantamento e progresso da nacionalidade britannica, é o resultado immediato ou remoto, da politica real, profundamente inspirada nos avanços da opinião e nos sonhos cor de rosa da gloria e da immortalidade.

E só assim podemos comprehender esta orchestração de applausos com que é victoriada no feliz anniversario do seu governo a augusta soberana.

Uma cousa apenas ha para lamentar—não poderemos imitar os subditos britannicos, saudando, com a alma de joelhos, a aurora do reinado, que tomou a *son métier de roi* a felicidade do Brazil!

Fortaleza, 20 de junho de 1887.

J. DE SERPA.



## Historia natural

A' JOÃO ALBANO

### AS DONZELLINHAS

Passeavamos no campo á margem de um lago.

Alguns nimbus no horisonte coravam-se de rosa, dos mesmos tons que os cumulos crepusculares, que assistiam o pôr do sol.

Uma brisa branda, suave vinha do oriente, etão branda que passando sobre o lago a face das aguas se conservava liza e tranquilla; beijando as sensitivas que cresciam nas bordas do caminho, nem sequer ao foliolo mais sensivel impressionava o osculo!

Parámos insensivelmente e nos voltámos para o occidente. O drama do ocaso havia terminado. Alem, no horisonte, a athmosphera reflectia ainda os pallidos raios do sol, que descia a esconder-se atraz da esphera terrestre, e os insectos como conscientes de sua curta existencia voavam ainda avaros da luz, que cada vez mais se amortecia. Tudo se preparava para receber a noite, para descansar.

Voltámos ao lago, ao caminho a minha companheira disse-me:

—Já a sensitiva recolhe-se, fecha as folhas e vae dormir, e as donzellinhas ainda voltejam sobre as aguas! Aproveitam até o ultimo raio da luz crepuscular! No vôo rapido fendem com a ponta da aza a agua como as

andorinhas. Divertem-se muito, não é assim?

--Não, fazem pela vida. Caçam e entregam ás aguas o fructo de seus amores.

--Caçam! e ellas não vivem como as borboletas do mel das flores?

--Não sabes a historia d'estes insectos. Si conhecesse melhor a *Entomologia*, parte da Historia Natural que os estuda, saberias que as *donzellinhas* ou *libellinhas* são insectos *nevropterus* carnivoros.

--Pois são carnivoros?!?

--Sim. Estes gentis insectos, com suas quatro azas, finas como gaze, com ostons do arco iris, olhos esphericos, grandes e verdes, que te parece até viverem uma vida innocente de borbuleta são animaes de preza São inimigos da borboleta. Perseguem-na todas as vezes que encontram-na, e à rapidez do vôo dá-lhe victoria. Uma vez de posse do dourado *lepidoptero* com uma ferocidade de tigre estrangulam-no. Inerme não resiste. Apenas tem orgãos para a fuga e não para a luta. A *donzellinha* que a teus olhos parecia imbelte tem fortes armas de defeza. Sua bocca é armada de mandibulas, peças resistentes e moveis, que cortariam os nossos tecidos como uma lamina de ferro amolada. E como lhe resistiria a borboleta, cuja bocca a natureza apenas formou para sugar o mel das flores! Em vez de mandibulas apenas um fio tenue enrolado em espiral, chamado *trumba*. Suas azas cobertas de escamas avelludadas e furta-cores torna mais vagaroso o vôo, que, na *donzellinha* a estrutura e disposição das azas permitem ser mais rapido. A natureza fez a carnivora e portanto deu-lhe armas de perseguir a preza. Para que o vôo fosse mais veloz, podesse ella alcançar os insectos que tivesse de dar caça, deu-lhe mais ao organisino uma vezicula cheia de ar, analoga á bexiga natatoria dos peixes, para que o corpo ficando mais leve as azas levassem-no com menos esforço. Assim a *donzellinha* que te parecia inoffensiva, é no meio em que vive, para os insectos inermes, o mesmo que o nosso jaguar para a maior parte dos mamiferos. Vê com que rapidez ella apanha a mosca e a estrangula! E' de uma gula e ferocidade inauditas!

--E porque ellas gostam tanto dos lagos? Em terra não encontrariam mais insectos á caçar?

--E' que só ás aguas podem ser confiados os germens que mais tarde perpetuarão a especie. Vê, ellas voltejam doudamente a superficie do lago, de quando em vez fendem a agua, não como suppunhas, com a aza, mas com a extremidade do seu cumprido e delgado abdomen. Cada vez que tocam no elemento liquido um ovo cahe, desprende-se d'ellas o embrião, que desaparece nas aguas, e que mais tarde virá á superficie d'ellas, não como desprezível larva,

mas como insecto perfeito: alado voará para o espaço. O embrião desenvolve-se e pouco tempo depois do pequeno corpo espherico sahe um ser ainda incompleto, mas alguma coisa semelhante aos seus progenitores. E' a primeira metamorphose da «*donzellinha*» no periodo de larva.

--E quem cuida de sua primeira infancia? Quem a alimenta? como respira?

--A Natureza dispoz tudo com uma harmonia sublime! A mão que sustenta os astros nos espaços cuida dos filhos das «*donzellinhas*». Ella não deu leis somente ao que é grande, palpavel, occupou-se tambem do infinitamente pequeno, daquillo que não podes ver sem o microscopio. Tu supões immensa a fauna visivel, a fauna invisivel é muito maior. Involvida ou embuçada em seu manto larvatico com seus pares de patas, dois pares de azas e um par de antenas, immoveis e sem uzo, apenas obedecendo ás leis fataes do atavismo, movendo-se vagarosa ella dá caça, como carnivora que é, a pequeninos molluscos e peixes. O seu aparelho respiratorio identico ao dos animaes aquaticos, *branchias* ou *guelras* como se conhecem vulgarmente permite-lhe viver sob agua, da qual tira o ar que tem em dissolução para as necessidades da vida. Atacada, defende-se de um modo interessante, sem azas que possa auxiliar-na na luta, ou outros orgãos de locomoção rapida, atira sobre o inimigo a agua que tem no intestino de um modo brusco, violento. O periodo larvatico dura mezes. Aproxima-se a segunda metamorphose; as *branchias* vão se atrophiando aos poucos e desenvolvendo-se outros orgams respiratorios, que mais tarde funcionarão garantindo a vida ao animal no meio aereo em q' irá viver. Chega a epoca da idade adulta, a vida torna-se impossivel no meio em que vivia a larva, as *guelras* desapareceram e em seu lugar desenvolveram-se pequenos tubos chamados *tracheas*, que se abrem á superficie do corpo por aberturas chamadas *estygmas*. A larva arrasta-se então á superficie das aguas, agarra-se a uma planta, a uma rocha e aquece-se ao sol, ao hemfesejo sol que veio libertal-a de uma prisão de tantos mezes! O calor cresta, fende a membrana que envolvia o insecto, o ar penetra nas *tracheas*, enche as veziculas, e a «*donzellinha*», como resuscitando d'aquella morte apparente expande as azas e volteja doudamente como estás vendo.

--E depois?

--Vive, se reproduz e morre.

Voltamos á casa, já a noite começava a involver tudo em seu manto negro.

Alto da Bonança--Junho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

## Exterioridades

Refere alguém que existe no Mar-  
(morto)  
Um bello fructo do doirada cor;  
E quem o colhe sente um descon-  
[forte]  
E o repelle do si com asco e horror.

E' que esse loiro, setinoso pomo,  
Do caminheiro erante—tentação,  
Em vez de doce saboroso gomme  
So tem dentro de si a podridão.

Ha muita gente assim como o doirado  
Lindo pomo das margens do As-  
(phalita :  
O rosto d'anjo, o corpo bem formado,  
A alma de lodo e podridão mal-  
(dicta.

MARTINHO RODRIGUES.

## A Carnaúba

A palavra *carnauba* é indigena, quer dizer litteralmente—arvore que arranha; da contracção de *caranhe* arranhar, e *uba* arvore; porque esta palmeira, quando pequena, conserva em derredor do tronco porção enorme de talos com duros e abundantes espinhos, que a tornam inaccessible; d'onde veio ao povo chamal-a, quando nova, *cuandú*, animalejo, especie de porco espinho, que se assanha todo a quem se lhe aproxima, apontando os espinhos, com que tambem se torna inaccessible.

Por aqui se vê que erram Caldas Aulette no seu «*Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*» e outros, quando escrevem—*carnaubeira*—que, decomposta, vem a significar—arvore da arvore que arranha; porque no portuguez a terminação---eira, junta aos nomes de fructos, se traduz por arvore. Exemplos: cajá, fructo, cajaseira, arvore da cajá, e outros muitos.

E' uma palmeira preciosissima, de prestimo espantoso.

O Dr. Marcos Antonio de Macedo, em uma interessante «*Memoria*» que publicou em Stuttgart, n'Allemanha, prova com uma estampa que della e com ella somente se pode fazer uma casa completa para vivenda.

De feito, o tronco ministra as madeiras principaes, esteios e outros materiaes de construcção civil e de mercenaria, assim como optimas estacas para cercas divisorias, as quaes enterradas em terrenos banhados pela agua salgada chega a petrificar; os talos ou nervuras das folhas servem de caibros, e estas de telhas, e as cascas de cordas. (Vid. Milliet, «*Dic. Geog.*», verbo «*Ceará*»)

Talvez não se encontro em nenhuma região arvore que se applique a tantos e variados usos; donde veio

entre nós o nome de *carnaúba* ao politico que presta-se à todas as politicas.

Resiste à intensas seccas, conservando-se constantemente viçosa.

As raizes produzem os mesmos effeitos medicinaes que a salsaparilha

Do tronco obtem-se fibras rijas e leves que adquirem o mais lindo brilho. Do palmito que, quando novo, serve de alimento apreciado e muito nutritivo, faz-se vinho, vinagre, uma substancia saccharina, e tambem grande quantidade de goma parecida com o sagú, cujas propriedades e gosto possui.

Tem muitas vezes servido de sustento aos habitantes em occasiões de excessivas seccas. O povo, diz R. Soutbey, faz da madeira uma farinha, e desta prepara uma massa, azeda e repugnante ao paladar de um estrangeiro, mas capaz de entreter a vida. («Hist. do Braz., Vol. 6º, pag. 416»)

Da madeira do tronco fabricam-se instrumentos de musica, tubos e bombas para agua

A substancia tenra e fibrosa do amago do talo e das folhas substitue perfeitamente a cortiça. A polpa do fructo é de agradável sabor e a amendoa, assás oleosa e nutritiva, é, depois de torrada e reduzida a pó, usada como café pela pobreza.

Do tronco extrae-se ainda uma especie de «maizena», e um liquido bastante alvo, igual ao que produz o côco da Bahia.

Das folhas seccas fazem-se esteiras, chapéus, cestos e vassouras, do que já se exporta porção para a Europa, onde é empregada no fabrico de chapéus finos, que em parte voltam para o Brazil, calculando-se em cerca de mil contos o valor de sua exportação e a da que é aproveitada na industria nacional.

Suas folhas produzem cera applicada ao fabrico de velas, que tem extenso consumo nas provincias do norte (1), principalmente nesta, onde já é ramo importante de commercio.

Fazemos tambem das folhas seccas urús, abanos, e dos talos gaiólas, girãos, camas (catres), portas de choupanas, capoeiras de gallinhas e brinquedos para crianças, (enfeitados com giriquiti).

Do fructo verde ainda faz-se tambem o *moncusá*, que é comida soffivel e sadia.

Parece que Deus, por abençoar tão utilissima planta, deu-lhe a estampa precisa e perfeita da «Gostodia» em que se guarda a sagrada brina. Nada mais parecido.

(1) Vid. «Exposição Universal do Brazil em Vienna d'Austria, 1873», Pag. 38. Este importantissimo trabalho é attribuido ao Visconde do Bom-Retiro, colaborado pelo imperador.

\* Seu nome mais conhecido na sciencia é—«Copernicia—cerafica; mas tambem o é pelo de «Arrodria—cerafica», do nome do nosso naturalista Arruda Camara, o primeiro que ensinou o processo de extrahir-lhe a cera.

É de uma duração secular, presume-se que leve mais de 200 annos para chegar a seu completo desenvolvimento.

Um dia, diz Pompeo, quando os poderes sociaes cuidarem serriamente de seus interesses, se lembrarão tarde de pôr cobro à destruição de uma arvore, que é uma verdadeira riqueza. («Ens. Est, Tom 1.º Pag. » 170, Nota 1.ª )

Este dia já parecia ter chegado antes muito do distincto cearense ter escrito seu importante trabalho em 1863; pois a lei provincial n.º 543 de 20 de Outubro de 1851, artigo unico, prohibia em toda a Provincia o corte de carnauba, sob pena de 48 de multa ou de 15 dias de prisão, por cada uma que se derrubasse.

Agora um verdadeiro phenomimo, que ha de causar surpresa à muita gente como causou a nós

O Dr. João Alfredo da Costa, no seu livro «Excursão pelos dominios da Ontologia» («Estudos e Observações sobre as formigas»), Cap. IV, Pag. 66, Nota 7, escreve sob sua palavra:

« Encontrei no municipio de Ociras uma lindissima carnaubeira, que compunha-se de oito galhos, graciosamente despostos, o que é uma verdadeira raridade, uma bem pronunciada nomalia; porque tem uma haste, que prende urna extremidade ao solo, erguendo para o espaço a outra, que expande-se em festões de palmas viridentes.»

Carnauba chamou-se tambem uma tribu, que vagava entre os Rios Salgado e Jaguaribe, dominando a ribeira do rio «Bartões e do outro rio que della tomou o nome. (Araripe, «Hist do Ceara, Pag. 15»)

É ainda nome de um riacho no municipio de S. Quiteria, que despepa no rio Macaco (Pompeo, «Dic. Top» )

PAULINO NOGUEIRA.



## NENÊ

### I

Era um mimo.

A gente contemplando aquella linda e exquisita creaturinha, tinha desejos de agarral-a, apertal-a contra o peito e de beijal-a muitas vezes. Isto faria sem duvida corar muito e rir a boa da mãe, que admiraria a pudicia precoce da filhinha querida.

A Nenê era de uma belleza seductora. Eu as vezes contemplando-lhe os grandes olhos negros, muito

negros e cheios de muita luz, notava na expressão daquelle olhar um quê de bello selvagem, de perigoso, que, dizia de mim para mim, que a Nenê havia de ser uma moça bella de metter medo.

Ao ver-se aquelles cabellos louros tão louros como deviam ser os cabellos dos cherubins; ao ver-se aquelles labiosinhos grossos e escarlates, onde pairava sempre nm sorriso incredulo e feiticeiro; ao ver-se seu rostosinho muito sanguineo e as ondulações suaves das suas formas de uma perfeita correção, e de um desenvolvimento precoce; a gente não podia deixar de admirar aquella menina, cuja intelligencia excepcional, fazia temer pelo seu futuro.

E a Nenê contava apenas oito annos. Muito bella mesmo que era, formava o encanto dos paes que satisfaziam-lhe todos os seus caprichos. As vezes, si a mãe queria reagir contra a sua prepotencia, contra o seu mando—que ia se tornando despotico—e negava satisfazer os seus desejos quasi sempre absurdos; a Nenê irritava-se, assanhava os cabellos, rasgava os vestidos e terminava sempre essas scenas de *selvageria infantil* deixando cahirem dos lindos olhos duas lagrimas formosas que desnorteava completamente a pobre da D. Amelia, e commoviam-n'a por tal forma, que esta acabava sempre beijando a filhinha, alem de satisfazer-lhe os desejos insensatos.

E a menina já conhecia o lado fraco de sua mãe; de forma que toda vez que se via contrariada, protestava representando a comedia das lagrimas, que commoviam tanto a sua mãe.

Dotada de um temperamento sanguineo, a Nenê levava em casa uma vida laboriosa. Todos os dias ella desarrumava muitas vezes as cadeiras, espanava-as com o resto da mobilia, aguava as suas flores, plantava, arrancava e mudava outras, não esquecendo-se do espelho, onde mirava-se mais de vinte vezes no dia, ora fazendo *pastinhas* no cabello, ora mordendo os beiços para ficarem mais encarnados, ora finalmente collocando uma roza no seu seio ainda em embryão.

Uma vez sua mãe esteve a contemplar-lhe seguramente uma hora. A Nenê achava-se defronte do espelho. Depois de ter feito as interessantes *pastinhas* na testa, de ter posto pós de arroz no rosto e de ter sufficientemente mordido os beiços que estavam quasi a botar sangue, tratou de collocar uma rosa no collo.

A D. Amelia não poude conter o riso; achou que aquillo era ingenuidade da filha e então perguntou-lhe o que desejava fazer.

—Estou trabalhando para collocar esta rosa no collo, mas o diabo não me assenta como na Yayá do Amara... Não sei porque...

--Não, filhinha; fica-te tão bonita quanto na Yayá... Até mais linda em

ti do que nella.

—Não fica. Pois eu serei cega? Na Yayá assenta mais do que em mim, por isto eu não hoto mais este diabo.

Edizendo isto a Nenê despedaçou entre os dedos a pobresinha da flor.

E a mãe tornou a rir da ingenuidade da Nenê, e do seu genio exquisito e irritado.

Entretanto aquella menina podia pensar melhor. Tendo oito annos não brincava com bonecas; perguntava-se-lhe a razão e ella dizia:—E' uma cousa estúpida! E' uma cousa estúpida era tambem aprender-se a ler, porque a Nenê com oito annos nunca tinha ido á escola, não conhecia sequer o alphabeto.

As vezes, ella querendo empollar perante os criados, pegeva em um jornal e começava a bater baixinho com os beiços...

Fazia que estava lendo; mas no fim de contas ia se ver o jornal e a Nenê era tão ignorante, tão brutinha que o tinha nas mãos com a cabeça para baixo!

Uma vez sua mãe estava na sala conversando com a Yayá do Amaral e com um moço que tinha ido apresentar uma carta de recommendação á seu marido, quando a Nenê entrou do jardim com uma rosa no collo. Vendo a Yayá, depois de tel-a beijado, e tendo observado que a moça estava tambem com uma rosa no seio, olhou para a mãe e disse:

--Olhe mamãe; eu não disse que as rugas assentavam mais no seio da Yayá do que no meu?

—Disse, filhinha; respondeu a mãe.

—Pois bem; eu já descobri a razão; é que a Yayá tem uns peitinhos muito bonitos e eu ainda não os tenho! Diabo! tomara já ter peitos para as flores me ficarem melhor.

A Yayá ouvindo aquillo não fez senão ficar encarnada como uma lagosta. O moço virou o rosto para a rua, afim de conter o riso, e a mãe da Nenê apesar de um pouco encastrada ainda uma vez riu-se da ingenuidade da sua tolinha Nenê.

ANTONIO OLYMPIO.

## ANNUNCIOS

### Pharmacia Albano

GRANDE DEPOSITO  
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e carteeiras. Receitas a qualquer hora. Pocos modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

CEARA'

# LOTERIAS CEARENSES

## GARANTIDAS

### NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transigencia. Bilhetes á venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

## Thesouraria das Loterias.

# LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.<sup>as</sup> Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

### Notre-Dame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES  
RUA DA BOA-VISTA N. 48

Este estabelecimento se achamontado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim offerecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades.

Enxovas para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.  
Ceará.

## COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas modernas, chapéus, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza

86-A Rua do Major Facundo

## ALFARATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

## J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

**Joalheria. Relogios**  
de todos os generos

Compram sempre ouro velho e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

## CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para

**Uso domestico**

Louças, vidros, mobílias etc Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

## GUILHERME ROCHA & C.<sup>a</sup>

Pharmacia



Pharmacia

RUA FORMOZA N.º 71.

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 13

FORTALEZA, 18 DE JULHO DE 1887.

## SUMMARIO

Expediente;  
A alma reduzida a um problema de mathematica —R. FARIAS BRITO; Capoeira.—PAULINO NOGUEIRA.  
O vestido azul—ANTONIO SALLES;  
Historia natural—RODOLPHO THEOPHILO;  
Amor de bardo—J. GALENO;  
Curiosa fundação de Caldas—J. J. G. DIAS SOBREIRA.  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre . . . . .	2\$000
Semestre . . . . .	4 000
Anno . . . . .	8\$000

### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	5\$000
Anno . . . . .	10\$000

### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

### A alma reduzida a um problema de mathematica

Em umas ligeiras notas que publicamos em outra parte tivemos de estabelecer o seguinte: «Dous factos se tornaram notaveis no periodo intellectual que marca a epocha de transição dos velhos para os novos methodos psychologicos: a phrenologia de Gall e a psychologia mathematica de Herbart.»

Então tivemos de fazer algumas considerações sobre a phrenologia de Gall; vamos agora tratar da psychologia mathematica de Herbart.

E' desnecessario observar que não pretendemos fazer um exame, mesmo imperfeito, sobre a materia vê-se logo que apenas queremos apresentar ligeiras idéas, como quem apenas de muito longe tem uma noção sobre o assumpto.

Restá-nos, porem, a convicção de que nunca é inutil trabalhar, ainda mesmo que o resultado do nosso

trabalho seja de todo deficiente; pois ao menos dá-se a entender o muito que é preciso estudar para que se tenha alguma noção do grande movimento intellectual que vae lá por fóra, e pode ser que se faça assim nas classes estudosas um gosto verdadeiro e fecundo pela sciencia e pela litteratura.

Isso posto, entremos directamente no assumpto.

A mesma obra do que occupou-se Gall por um lado, foi tambem por outro lado empreendida por Herbart no dominio da psychologia.

Ambos queriam uma reforma geral do estudo dos phenómenos psychicos: um porem abraçou a questão pelo lado da phisiologia, o outro pelo lado da metaphisica.

Herbart nasceu em 1776, em Oldenbourg e morreu em 1841. Discipulo de Fichte, foi posteriormente professor de philosophia em Kenisberg e Goettinge. Foi um espirito incansavel e deixou trabalhos admiraveis, fazendo-se sobretudo notavel nas mathematicas.

D'esta vez, porem, apenas consideramos o seu modo de comprehender os phenomenos psychologicos que elle tentou explicar por intermedio das mathematicas.

—A psychologia compõe o espirito com representações do mesmo modo que a phisiologia compõe o corpo com fibras—Estas palavras de Herbart mostram, conforme affirma Ribot, que elle tendia a uma revolução analoga a de Bichat em anatomia. Este à discripção pura e simples dos órgãos substituiu um estudo muito mais philosophico: o dos tecidos ou melhor, dos elementos anatomicos. E se Herbart tivesse levado a effeito esta empreza, acrescenta Ribot, teria criado a anatomia geral da alma.

Tratemos de examinar a sua doutrina conforme é exposta na obra de Ribot sobre a psychologia allemã contemporanea.

Tres idéas servem de base à psychologia de Herbart: 1.º a idéa do ser; 2.º a tendencia do ser para a conservação; 3.º as representações.

O ponto de partida é a idéa ontologica da unidade do ser. «O ser é absolutamente simples, sem pluralidade nem quantidade. O ser é uma posição absoluta: o seu conceito exclue toda a negação e toda a relação.» E tratando-se especialmente

da alma, diz Herbart: «A alma é uma substancia simples, não somente sem partes, porém sem pluralidade qualquer em sua qualidade.» Mas si assim é, como se explica a pluralidade de manifestações pelas quaes revela-se o ser? Pela tendencia do ser à conservação da qual resultam as representações ou estados de consciencia.

Cada ser, embora simples e uno, se põe em combinação com os outros seres e em consequencia d'essa combinação se estabelecem relações precisas e determinadas entre elles: d'ahi os antagonismos e a luta.

Ora, no meio d'estes antagonismos e desta luta indefinida dos seres, cada um esforça-se pela sua conservação contra a acção destruidora dos outros. E' a este esforço do ser que Herbart dá o nome de representação. Ou antes: o esforço do ser para conservar-se contra a opposição dos outros seres torna-se uma representação. Tal é a idéa que explica tudo.

Vê-se, pois, que estamos em pleno dominio da abstracção. A psychologia reduz-se à uma verdadeira divagação sobre o campo da metaphisica, inteiramente sem base e sem resultado; e ver-se-á mais adiante como esta divagação se resolve em uma mechanic do espirito, pela applicação das mathematicas.

Todavia, desde logo é preciso declarar que muitos pontos ha em que Herbart demonstra que não se deixou arrastar inteiramente por esse exagerado gosto de abstracção que manifesta-se nas suas idéas pelo abuso da metaphisica e das mathematicas.

Algumas vezes mostra através das suas investigações transcendentales que ainda não está inteiramente perdido o sentimento verdadeiro da realidade.

E' assim que diz: «A materia da psychologia é a percepção interna, o commercio com os outros homens de todos os graus de cultura; as observações do educador e do homem de estado; as narrações dos viajantes, dos historiadores, dos poetas e dos moralistas; as experiencias fornecidas pelos loucos, pelos enfermos e pelos animaes.»

Alem disso é inimigo intransigente da velha doutrina das facultades da alma.

«Desde que à concepção natural do que se passa em nós, diz elle, acrescenta-se a hypothese de faculdades que temos, a psychologia se muda em mythologia.

Embora não costume, como é a regra, partir dos factos individuaes para elevar-se à comprehensão das generalidades, todavia, para o seu tempo, pode-se dizer que já tinha uma intuição muito clara do methodo scientifico, tanto assim que chegou a dizer que pretendia applicar à psychologia alguma coisa semelhante às buscas das sciencias da natureza.»

«A physica experimental ignora as forças da natureza e entretanto tem dous meios de descoberta: a experimentação e o calculo. A psychologia não pode experimentar sobre o homem e não tem instrumentos para isso; tanto mais ella tem necessidade do emprego do calculo.»

Eis a explicação da necessidade e da influencia das mathematicas.

A materia da psychologia consiste nas representações. Trata-se, porém, não de uma simples accumulção de factos, não de uma simples divagação especulativa; mas ao contrario de uma redução a leis. Si, porém, as representações são devidas aos esforços do ser em bem de sua conservação na luta contra os outros seres, em que ha nisto alguma coisa que possa ser considerada como uma propriedade mathematica? A isto responde-se que tudo o que é percebido subjectivamente tem uma propriedade geral: é mostrar-se «como indo e vindo, oscillando e fluctuando; em uma palavra, como uma coisa que so torna mais forte ou mais fraca.»

Cada uma de nossas series de representações é, pois, uma serie de forças, e cada termo empregado para exprimir-as encerra um conceito de grandeza. Logo, conforme se exprime Ribot, ou não ha nada na consciencia, ou ha alguma coisa que apresenta um caracter mathematico e que deve analysar-se mathematicamente.

Herbart explica o facto de ja não se haver ha mais tempo empregado essa analyse pela imperfeição relativa das mathematicas. A parte das mathematicas de que se tem necessidade para o estudo das representações é a analyse infinitesimal; enquanto, pois, não foi inventado o calculo do infinito, as mathematicas eram inefficazes para o estudo da psychologia. E' a razão porque só depois d'elle pode ser constituida a psychologia mathematica.

Agora podem ser estudadas as representações em todas as suas manifestações e em todos os seus aspectos. Cada uma tem dous valores: um, qualitativo que é invariavel; o outro, quantitativo, sujeito a variações de intensidade.

Isto, porém, pouco adianta para nós, sendo que o desenvolvimento que se poderia dar a esses detalhes não affectaria ao fundo da coisa. O que, porém, nos importa, é que todas as nossas representações, sob qualquer ponto de vista que as consideremos, são forças que lutam entre si. Estas forças podem estar ou no estado de equilibrio ou no estado de movimento: d'ahi uma estatica e uma mechanica do espirito conforme a doutrina de Herbart. Restanos, pois, examinar como explicou Herbart o sentimento e a consciencia.

Segundo Herbart, tudo no espirito é representação, mas é preciso abrir uma excepção para os sentimentos. Os sentimentos não são representações, porém, simplesmente, relações entre as representações. Era uma doutrina corrente que os sentimentos estheticos causados pelos sons dependem dos intervallos, isto é, das relações entre as nossas percepções. Ha nisto um echo das theorias aristotelicas e conforme diz Ribot, Herbart generalizou e estendeu a doutrina a todos os sentimentos. D'ahi passa Herbart ao exame das emoções, dos desejos e da paixão, combinando muitos dos principios de Kant com as idéas fundamentaes da sua concepção mecha nica das operações do espirito.

Depois explicou o seu modo de pensar sobre a idéa do—eu—; e este ponto é substancial para nós. O—eu—é a somma das representações. D'ahi essa consequencia: é um effeito e não uma causa, é uma resultante e não um facto primitivo. Por outra: do mesmo modo que as moleculas são os elementos constitutivos do corpo, podemos considerar as representações como elementos constitutivos do espirito.

Veamos agora o que se deve pensar de semelhante doutrina. E' comecemos reproduzindo o juizo de um dos ultimos e mais importantes representantes da escola, Volkmar.

Diz elle: «A psychologia mathematica consiste em submeter a uma exposição systematica todas as determinações quantitativas que se encontram necessariamente na ordem psychologica. As idéas de acção e de reacção, de intensidade dos diversos estados de consciencia, de movimento das representações, encontram-se com um ou com outro nome, em todos os systemas de psychologia e mesmo na linguagem commum.

E' certo que esses factos têm ao menos em parte um caracter quantitativo. A exposição mathematica não se distingue, pois, da exposição commum senão nisto: ella procura apresentar com exactidão e precisão o que o uso commum deixa indeterminado. E' injusto confundir os ensaios da escola de Herbart com esta supposta philosophia mathematica

que só consiste em um jogo vazio de formulas, em deducções e em calculos arbitrarios.»

E' um juizo de sectario, já se vê. Todavia, esta ultima parte põe a descoberto justamente o lado mais vulneravel da theoria.

Lange, admira que um espirito tão engenhoso quanto Herbart, que um homem dotado de uma tão admiravel sagacidade critica, e tão versado nas mathematicas, haja concebido a idéa de achar por meio da especulação o principio de uma estatica e de uma mechanica do espirito. Demais o que fez Herbart? Em que consistem, segundo o juizo dos que conhecem bem a materia? a sua estatica e a sua mechanica do espirito, senão num jogo constante de formulas mathematicas, na elaboração de um systema especulativo sem que fosse fornecida pela experiencia a menor garantia de certeza?

Alem d'isso a alma é absolutamente simples, diz elle; entretanto, é capaz de representação. Tal foi o meio de que se serviu Herbart a fim de passar da simplicidade absoluta do ser para a pluralidade de suas manifestações.

Vê-se, pois, a contradicção profunda do principio que serve de base a toda a doutrina.

Só se pôde comprehender modificação com mudança de partes, isto é, nos seres compostos. Logo, suppondo-se que a alma é absolutamente simples, não se pôde admittir que seja capaz de fazer esforços de conservação pessoal, isto é, que esteja sujeita a modificações internas.

Recorre-se, porém, a um meio extremo: procura-se dar uma explicação do facto alterando a significação das palavras. Não são actos de conservação pessoal os phenomenos que se passam na alma: são tendencias, são simples disposições. Ora, mas a disposição a um estado não será também um estado? A tendencia que se põe em conflicto contra tendencias oppostas, não dá necessariamente em resultado um esforço?

Note-se que nisto vae-se uma somma consideravel de actividade: inventa-se, discute-se, altera-se a significação das palavras, em uma palavra, gasta-se grande parte do tempo no arranjo e na combinação de argumentos que servem para justificação de theorias inteiramente sem fundamento na realidade e o resultado é todo negativo.

Por fim, até mesmo o espirito primitivo da doutrina é falseado e chega-se a concepções intellectuaes que só servem para mostrar até onde podem levar-nos no terreno da extravagancia o deslumbramento e os arrojados phantasticos da embriaguez metaphisica.

E' o que aqui se faz. Todavia, por mais que procurem inverter a comprehensão verdadeira das cousas, é impossivel conceber o esforço de um ser pela sua propria conservação

contra a acção de outros seres, sem uma acção real por mais imperceptível que seja e isto não pôde ter lugar sem verdadeiras modificações. E', pois, inutil fugir ao reconhecimento da realidade, e desde que se admitta com Herbart que a representação é o esforço do ser para conservar-se, não se pode deixar de enxergar a contradicção profunda que ha no principio mesmo que serve de base a toda a theoria da psychologia mathematica.

Segundo o testemunho de Lange, existe uma serie de homens distinctos por sua intelligencia e por seu merito que acreditam mui seriamente que Herbart com as suas equações differenciaes fixou tão solidamente o mundo das idéas quanto Copernico e Kepler o mundo dos corpos celestes.

Foi em verdade, diz Lange, uma decepção tão profunda quanto a phrenologia.

Todo o esforço de Herbart consistiu em procurar applicar o calculo á psychologia, do mesmo modo que applica-se á physica. Kant, havia considerado impossivel um methodo mathematico em psychologia desde que «a intuição interna em que são construidos os phenomenos de que ella se occupa só têm uma dimensão—o tempo.»

Herbart, não somente affirmou a possibilidade da applicação das mathematicas á psychologia, porem, se propoz á realisacão do projecto de uma mechanica dos phenomenos subjectivos. Infelizmente, porem, deu nascimento, não a uma mechanica concreta, mas a uma mechanica abstracta, isto é, a uma chimera resultante de uma combinação das mathematicas com a metaphisica.

A psychologia do futuro deve ser com effeito uma mechanica, porem, uma mechanica concreta, isto é, uma mechanica nervosa, ou melhor uma mechanica que tenha por base os principios da physiologia e seja constituida em conformidade com as leis geraes proclamadas pelas sciencias da natureza.

Conforme Ribot, Herbart apoia a sua psychologia sobre uma triplice base, concedendo muito pouco á experiencia, mais á metaphisica, quase tudo ás mathematicas. E' em poucas palavras a critica da psychologia mathematica.

Si Herbart podesse ver as experimentações feitas pelos psychologos modernos, veria a distancia enorme que o separa da psychologia nova e ficaria sem duvida arrependido de ter perdido tanta actividade em creações puramente phantasticas e de todo sem fundamento na realidade sob pretexto de uma estranha applicação das mathematicas.

Todavia, tem a sua importancia a theoria de Herbart, e conforme o parecer de Lange, não é pela simples indiferença que se deve fazer sua critica.

Vejamos o lugar occupado por Herbart na evoluçã da sciencia psychologica.

Para Herbart, a consciencia, o—eu—é a soimma das representações: tal é a idéa que o separa da psychologia velha. Segundo os principios da velha doutrina espiritualista, segundo as idéas dos defensores das velhas concepções theologicas e methaphisicas, o eu—é uma substancia immaterial, immutavel, indivisivel, dotada de faculdades, presidindo a todos os actos da vida psychica. A philosophia moderna, porem, não conhece unidade nos actos mentaes e vê em tudo o conjuncto de muitos phenomenos sujeitos a successões de tempo. Não ha faculdades nas operações do espirito, porem forças; e o mesmo facto que objectivamente se mostra como movimento, manifesta-se subjectivamente como sensação e como consciencia. E' a doutrina proclamada pelos pensadores contemporaneos da França e da Allemanha: é a doutrina proclamada pela moderna eschola experimentalista da Inglaterra.

Affirma, porem, ao mesmo tempo, Herbart, que a psychologia não pode experimentar sobre o homem e não tem instrumentos para isso: é o que o separa da psychologia nova.

A psychologia deve basear-se para o futuro inteiramente sobre a experimentação. E' o que já foi inaugurado pelos creadores da psychophysica, e Fechner, Helmholtz, Volkman, Wundt, Delbeuf etc. já conseguiram mostrar que é possivel pesar e medir as sensações de peso, de temperatura, de luz etc. tão real e verdadeiramente quanto se mede e se pesa qualquer corpo, senão com a mesma facilidade (está claro) pelo menos com toda a certeza de obter resultados precisos. E' verdade que os nossos estados de consciencia são grandezas indeterminadas. Comtudo não é impossivel submettel-os a uma medida desde que a unica condição para que se possa medir qualquer quantidade ou grandeza é uma relação fixa entre o que mede e o que é medido: tal é a relação que ha entre um effeito e sua causa e eis o que serve de base para a medida dos phenomenos psychicos.

Vê-se, pois, que Herbart representou um papel definido na evoluçã da psychologia, e a psychologia mathematica deve sem contestação ser considerada como a doutrina que verdadeiramente constitue o periodo de transicção.

Herbart e Gall foram pois dous pensadores notaveis e senão conseguiram elevar-se á comprehensão da verdade, pelo menos reagindo contra a tendencia immobilisadora das velhas doutrinas, abriram o caminho para a exploração do terreno em que havia de ser levantado o edificio da psychologia nova.

E, tratando-se especialmente de Herbart, é preciso acrescentar que

elle teve mais um outro merecimento: e é que foi de sua eschola que sahio a psychologia ethnographica; e havia talvez ahí já um presentimento de psychophysica, essa doutrina decisiva e excepcional que tem na epocha que atravessamos revolucionado a culta Allemanha, devida ao genio vigoroso de Fechner.

R. DE FARIAS BRITTO.

## CAPOEIRA

Eis um curioso exemplo de confusões etymologicas que se podem produzir em linguas inteiramente differentes, escrevendo-se com as mesmas syllabas e até com as mesmas letras; e talvez seja esta palavra a que mais e diversas significações tenha na lingua de que disse Venus a Jupiter:

... na qual quando imagina  
Com pouca corrupção cre que é a  
(latina.

(Camões, *Lusiadas*, C. 1.º E. 33)

A primeira dessas significações, a mais commum entre nós, é tambem a mais conhecida dos nossos agricultores.

E' tanta a força vegetativa nos districtos quentos intertropicaes, diz Varrhagen, que ao derrubar-se ou queimar-se qualquer matto virgem, se o deixaes em abandono, dentro em poucos annos ahí vereis já uma nova matta intransitavel e não produzida, como era de crer, pelas tentáculos das antigas raizes; mas sim resultantes de especies novas, cujos germens ou sementes se não encontram nas extremas da anterior derruba, se ignora donde vieram. A este novo matto se chama no paiz capoeira, derivando esta significação de ser essa vegetação analogá a des capões(1), *Hist. Ger. do Bras. Tom. 1.º*,

(1. Ne te sentido a palavra é indigna; vem, segundo Martius, *Gloss*, Pag. 39, Nota, de caá matto. e pyr mais:—matto renascente. Mas me parece preferivel a etymologia de José Verissimo: kaá matto. e da forma do preterito poera, coera, oera, era:—matto que já não é o mesmo que foi. (*Scenas da Vida Amazonica*, Pag. 40). Tambem pode ser a transformação de capueira, de có roça, e puera preterito. Esta transformação, diz Beaurepaire Rohan é devida pura e simplesmente á semelhança dos dous vocabulos, semelhança que facilitou a mudança do—o em—á; como tobatinga em tabatinga, tobajara em tabajara, coryboca em caryboca; e na propria lingua portugueza—devação em devoção. (*Rev. Bras.*, Tom. 3.º, Pag. 391). Vulgarmente, entre nós, capoeira é o roçado que não dá mais colheita e por isto já foi abandonado ao matto.

Pag. 93; ou como disse poeticamente Dircéu à sua bella Marília :

Não verás derrubar os virgens ma-  
(tos)

Queimar as capoeiras inda novas ;  
Servir de adubo à terra à fertil cinza;  
Lançar os grãos nas cóvas.

Parte 3.<sup>a</sup>, Lyra 3.<sup>a</sup>, Pag. 17.

Capoeira ou capoeiro é tambem uma especie de veado, assim chamado, porque pasta muito nas capoeiras ou catingas, onde se lhe faz tocáia. (Dr. Dias, Dic. Tupy)

Mas quem diria ! é ainda o nome vulgar de uma especie de *Odontophorus*, da familia das *Perdices* à qual a generalidade das provincias chamam *Urú*. (Beaurepaire Rohan, Glossario Brasileiro, na *Gazeta Litteraria da Corte*, Tom. 1.<sup>o</sup>, Pag. 415, e Emile Allain, *Quelques Donnees sur la Capitale et sur la Administration du Brésil*, Pag. 142). Segundo outros canta graciosamente—

..... a capoeira,  
Que a flauta pastoril na selva entoa.

(P. Alegre, *Colombo*, Tom. 2.<sup>o</sup>, C. 29, Pag. 255.

Em uma quarta accepção muito commum na Corte, de certo a mais celebre, o mesmo termo designa uma classe perigosissima de bandidos, entidade, na qual, diz o Dr. Carlos Perdigão, pela physiologia não se pode observar nenhum vicio de conformação ou qualquer signal extraordinario e medonho, de modo a impressionar a vista como monstro e poder ser evitado; mas produção de natureza moral hedionda, cuja sanha e sede de sangue, com variedades indescriveis, dá a morte ao homem, sem o movel do odio, da vingança ou da rapina! E' esta a chaga cada dia mais ameaçadora para a segurança publica. (*Vadios e Mendigos*, na *Gazeta Juridica*, Vol. 35, Pag. 11.)

Foram os africanos os introductores da *capoeiragem*, mas depois passou aos naturaes, à toda sorte de desordeiros, gente da ralé do povo. No exercicio desse jogo athletico terrivel, ora por mero divertimento usam unicamente dos braços, das pernas, e da cabeça para subjugar o adversario, ora por perversidade esgrimem cacetes, navalha e faca de ponta, donde resultam serios ferimentos e às vezes a morte de um ou de ambos os luctadores. (*Gloss. Bras. cit.*, Pag. 372.)

Esses bandidos andam de ordinario em *maltas*, e cada *malta* obedece a um *cabeça*, que costuma tomar um appellido tão horrendo como o moral delles: *Bocca-negra*, *Pendeu-morreu* etc., e são inseparaveis da frente de uma musica em marcha.

Nos *Contos Populares* de Sylvio Romero, pag. 351, encontram-se as palavras cabalisticas com que elles entram na lucta, ou dão começo ao jogo ou divertimento :—

Não venha!....  
Chapéu de lenha ;  
Partiu,  
Cahiu !  
Morreu,  
Fedeu!...

Nesse momento, precedidos e na constancia de um alarido infernal, são de uma ligeireza só igual à sua fria perversidade:

Quereis ver como dextros capoeiras,  
De faca e pau na esgrima experimen-  
(tados,  
assaltam com silvos, vivos, brados...

(Barão de Campo Grandé, *Soneto*.)

Compreende-se o vivo interesse da autoridade publica em acabar com esses demonios de forma humana; por isso já na Collecção de Avisos do Ministerio da Justiça de 1824 se encontram os de n.<sup>o</sup> 122 de 28 de Maio, n.<sup>o</sup> 193 de 13 de Setembro e n.<sup>o</sup> 215 de 9 de Outubro, mandando applicar castigos aos negros da Costa, denominados *capoeiras*.

Mas ninguem ainda os perseguio tanto como Euzebio de Queiroz nos seus onze annos de chefatura de policia da Corte.

Já pareciam extinctos, uns presos, processados e condemnados, outros de praça assentada com destino a Goyaz e Matto Grosso, outros foragidos, e todos perseguidos, quasi como os *pelles-vermelhas* dos Estados-Unidos; mas os maldictos são como o gigante de Ariosto, que já feito em pedaços, recompõe-se, como por encanto, prompto para novas luctas!

Bastou que Euzebio fosse nomeado desembargador da Relação da Corte para que voltassem ao seu desgraçado jogo e officio, não obstante a perseguição tenaz que ainda soffrem.

Mas, como está escripto que tudo tem prestimo, manda a justiça que confessemos que os *capoeiras* já prestaram na Corte um relevante serviço, a quem? A' propria segurança publica nos fatuos dias 10 de Junho e seguintes de 1828!

Nesses dias os batalhões allemaes e irlandezes, engajados pelo governo imperial, tendo-se amotinado, prozeram em sério perigo a capital do imperio. Para contel-os e castigar-os muito concorreram então os *capoeiras* que pelo gosto criminoso das brigas fizeram proezas contra esses soldados insubordinados. (Vide Macedo; *Ephemerides Historica do Brazil* desse dia 10 de Junho de 1828,

a Pereira da Silva, *Narrativa Historica*, Pag. 289.)

E' já occasião de perguntarmos: qual a origem ou etymologia desse termo applicado aos africanos ou negros da Costa, e depois a todos esses turbulentos e desordeiros?

Emile Allain, no lugar citado, declara que a ignora; mas Beaurepaire Rohan ensaia esta:

« Como o exercicio da *capoeira*, entre dous individuos que se batem por mero divertimento, se parece um tanto com a *briga de gallos*, não duvido que este vocabulo tenha a sua origem em *Capão*, do mesmo modo que damos em portuguez o nome de *capoeira* à qualquer especie de cesto em que se mettem gallinhas. (*Gloss cit*, Pag. 372.)

Com o devido respeito não concordo.

Antes de tudo, tenho para mim que *capoeira*, cesto fechado de metter capões, gallinbas e outras aves, não vem de *capão*, mas do castelhana *Caponera*---gaiola grande para crear e guardar gallinhas, corrompido ou transformado em *capoeira* por semelhança. (Vide Constancio, *Nov. Dic. Crit. e Etimol. da Ling. Portug. e Faria, Nov. Dic. da Ling. Port.*)

Depois, por mais tractos que dê à imaginação não me posso convencer de que da semelhança da *briga de gallos* venha *capoeira*---brigador de cabeçadas, e muito menos de *capão*---gallo ou frango castrado; pois, si de gallo, o nome devêra ser outro,---*galleiro*, por exemplo; si de *capão*, neste caso a semelhança é como a do ovo com o espeto: *capão* não briga.

Quer-me parecer, não affirmo, que a origem talvez seja esta:

Bluteau no seu raro *Diccionario* falla de uma especie de cesto grande, com o nome de *capreira*, que se enche de terra bem batida e se põe em pé para cobrir os que se defendem etc.

Não virá a origem antes deste instrumento bellico de defeza?

O *capoeira*, por mais perverso ainda, chega até a agredir e matar, mas fingindo sempre tomara defensiva;

Não venha!...

etc. etc. etc. etc.

Felizmente ou não, uma cousa posso asseverar com muita ou toda segurança---é que na nossa Fortaleza e em toda Provincia do Ceará só ha *capoeira* com a significação que tambem lhe dá Moraes no seu *Diccionario*:---ladrão de gallinhas.

Aquelles demonios só vivem e medram, desgraçadamente, na Corte e um pouco tambem no Recife.

PAULINO NOGUEIRA.

## O vestido azul

Como um deslumbrador e intenso forno  
Fulge o espaço lá fora;  
E a luz forte e sonora,  
Indiscreta, do sol espiona em torno  
Do aposento deserto:  
Um reverbero experto  
Da cortina atravez dos brancos crivos  
Deita plhares hypocritas, festivos  
Sobre o leito vasio;  
Um par pequeno, esguio,  
De pantufos — dois colibris ondeantes —  
Repousa ao pé das meias odorantes  
E das ligas ditosas;  
Vêem-se petalas de rosas  
Esparsas pelo chão; e na moribundas  
Rosas nos jarras; sombras pudibundas  
Ruflam as pardas azas  
Nos cantos.

## Brandas gazas

De um vaporoso e cerulo vestido  
Arfam de manso; o azul, desvanecido  
No dorso de uma prega,  
Nas cavas se carrega,  
E essa mescla de claro azul com lyrio

Tem umas doces cambiações de empyrio  
E aroma de violetas...  
Laços de fitas pretas,  
Pedacinhos de noite em pleno dia  
Se entrelaçam na mangá que se amplia  
Quando aos braços roliços  
Aperta. M'ovediços

Flocos de revolta expunam na textura  
Do corpete; avolumam-se arqueados  
Escrínios que trouxeram em si guardados  
Os seios d'essa airosa creatura.

Da fila de botões iris-lavrados  
Relampeia a retina argenteo-scura:  
E' de julgar que estão todos pasmados  
Da pas-nosa estreiteza da cintura.

Uma ruga gentil como um sorriso  
Surge aqui, surge ali de um espaço liso,  
Como um mar que se aplaina e se encapella.

—Si alguém vil-o infunar-se ao brando vento  
Vai beijal-o porque 'nesse momento  
Pensa ver dentro d'elle o corpo d'ella.

ANTONIO SALLES.

## Historia natural

## AS BORBOLETAS

Tinhamos projectado um passeio à seara. Era pelo inverno e por isso aproveitariamos uma manhã secca. A chuva entretanto parecia embirrar todos os dias com o nosso passeio. Chegou porem uma tarde esplendida sem chuva e sem sol. O céu coberto de escamas brancas, em alto relevo, parecia cavado.

Tinhamos que andar dois kilometros até ao roçado. Pozemos-nos a caminho. O pequeno Raul, nos, acompanhou entretendo-nos com suas graças infantis. O caminho era arenoso e sem lama. A's margens cresciam as *manacás*, de cujas corollas diversamente coloridas volatilizavam-se perfumes suaves.

Sobre a linha superior da mata as frondes das carnahubeiras de folhas palmadas e abertas como ventarolas, formavam «uma floresta sobre a floresta.» Pouzadas nos longos peciolos das palmeiras as grannas em agudos trenados saudavam as loucanias da campina e cantavam seus amores em liberdade.

Chegamos ao roçado. Havia-se semeado no mesmo terreno legumes, cereaes, mandioca e algodão. As *grammineas*, *aleguminosa*, a *malvacea* tinham sido devoradas pelas largatas restava apenas a *euporbeacea*! A terra estava quasi nua! Agarrada à pequena porção de haste que escapara a sua gula, as larvas das borboletas, em digestão laboriosa, se conservavam immoveis.

O pequeno Raul dava caça as borboletas, que fugiam d'elle. Era interessante ver aquella cabecinha loura douda por apanhar um d'aquelles

dourados insectos! Feliz a idade das borboletas!...

—Tudo destruido! Apenas a mandioca a praga respeitou! Para que a natureza havia de crear taes insectos?!

—Para divertimento das creanças, minha amiga, para tecerem os teus vestidos de seda e ainda para a natureza em suas azas levar as plantas uni-sexuadas o germen da reprodução. A vida das borboletas é interessante. A *Entomologia* conta destes insectos couzas que ignoras completamente. As suas metamorphoses, os seus amores, os seus ciumes, os seus duellos passariam despercebidas si a sciencia, com a perseverança do sabio não procurasse conviver com elles. Como é lindo o que a creança acaba de apanhar! Aposto que vam offercel-o à ti. Aceita e vamos estudal-o.

—Obrigado, meu amiguinho, dois beijos agora em signal de reconhecimento.

—Examina o corpo é verás que é formado de anneis, que se articulam, e d'ahi o nome de «articulados ou annelados» aos insectos como aos *myriapodes*, *arachnideos* e *crustaceos*. Como o das *donzellinhas* é devidido em trez secções: cabeça, thorax e abdomen; tem como ellas duas *antenas*, tres pares de patas e dois pares de azas. As borboletas formam a ordem dos *lepidopteros*. Não podem se confundir com os *nevropteros* pelas azas as vezes de um colorido que fascina. não são de gaze, mas coberta de sedozas escamas, as vezes com todos os tons do iris. A boca tem como unico aparelho de ingerir os alimentos. um tubo finissimo, tenue enrolado em espiral, chamado *tromba* com que sugam o mel das flores.

O insecto perfeito é opulento de ornatos e sobrio. A larva é abjecta e gulosa. O fio delicado com que hebern os doces licores das rozas, nasceu do atrophiamiento do appareho buccal da larva.

—E a barboleta não passa pelas mesmas metamorphoses da *donzellinha*?

—Não, nos *lepidopteros* as metamorphoses são completas, isso é, ha o periodo de larva, de nympha e de insecto. Estas lagartas nojentas, que estás vendo por toda parte. estão já entorpecidas; a sua actividade e gula succedein a quietação e abstinencia. Em breve passarão do periodo de «larva» ao de «nympha ou cystalida,» então perfeitamente immoveis, involvidas em seu manto de numpha, em perfeito jejum estarão o tempo necessario a operar-se a metamorphose.

—E é sempre o mesmo o manto de nympha?

—Não, varia conforme a especie. E se fosse sempre uma membrana quem flaria os fios de seda com que são tecidos os teus vestidos?

—E não é a industria que fabrica a seda?!

—Não, o homem recebe da natureza a materia prima, fios tenros com que são feitos os casulos dentro das quaes a larva do bixo de seda, *Bombyx more*, passa o periodo da nympha. A industria tece os fios dos casulos, da-lhes a côr que a moda exige e leva-os ao commercio.

E onde a larva encontra a seda com que faz o casulo?

—Ella segrega a seda do mesmo modo que nossas glandulas segregam a saliva. Na boca e no labio inferior abre-se um orificio que vai ter as glandulas secretoras da seda.